EMPREENDEDORISMO LGBT

Histórias de empoderamento socioeconômico no Rio de Janeiro entre 2015-2017

Realização

MICRO RAINBOW INTERNATIONAL
Addressing the situation of poverty of LGBTI people worldwide

Parceria

GRUPO ARCO-ÍRIS
desde 1993

SI SOLUÇÕES INCLUSIVAS

P+SITIVE PLANET

Projeto financiado pela União Europeia

MICRO RAINBOW INTERNATIONAL

EMPREENDEDORISMO LGBT

Histórias de empoderamento socioeconômico no Rio de Janeiro entre 2015-2017

Publicado por
Micro Rainbow International C.I.C.
Agosto 2017

Projeto implementado pela
Micro Rainbow International C.I.C.

7 - 14 Great Dover Street,
Londres, SE1 4YR.
Reino Unido

Projeto financiado pela
União Europeia

Delegação da
União Europeia no Brasil
SHIS QI 07 Bloco A - Lago Sul
Brasília-DF - 71.615-205

Sobre a União Europeia

"A União Europeia é constituída por 27 Estados-Membro que decidiram unir gradualmente o seu know-how, recursos e destinos. Juntos, durante um período de ampliação de 50 anos, construíram uma zona de estabilidade, democracia e desenvolvimento sustentável, mantendo simultaneamente a diversidade cultural, a tolerância e as liberdades individuais. A União Europeia está empenhada em compartilhar suas conquistas e seus valores com países e povos além de suas fronteiras."

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS *Pág. 5*
PREFÁCIO, por Bárbara Aires *Pág. 7*

1. **INTRODUÇÃO** *Pág. 9*

1.1 PROJETO MICRO RAINBOW BRASIL *Pág. 9*
1.2 NOSSA REDE DE PARCERIAS *Pág. 10*
1.3 RESULTADOS *Pág. 14*

2. **ESTUDOS DE CASO** *Pág. 16*

LAYLAH, *Laylah El Ishtar - Image Lab* *Pág. 18*
ISA, *IT Consulting* *Pág. 21*
ISAQUE, *Fale Easy* *Pág. 25*

MELL, *Art Gourmet & Cia* *Pág. 29*
ALINE, Cozinheira *Pág. 33*
RENAN, Designer gráfico *Pág. 39*

GEISA, *Concreto Rosa* *Pág. 42*
ANA, *Fábrica da Preta* *Pág. 46*
RUAN, *Mr. Carrot* *Pág. 49*

RAQUEL, *The Way English* *Pág. 53*
SIMON, Ativista *Pág. 56*

3. **CONCLUSÃO** *Pág. 61*

EQUIPE PROJETO MICRO RAINBOW BRASIL

SEBASTIAN ROCCA
Fundador e CEO

LUCAS PAOLI ITABORAHY
Gerente de projetos

CLARISSE KALUME CAVALCANTE
Coordenadora de empregabilidade

IVANA DE PINHO RIBEIRO
Coordenadora de empreendedorismo

JULIO MOREIRA
Coordenador de mobilização comunitária

LILIAN MOTTA
Diretora administrativa

ERIN POWER
Diretora de finanças

FICHA TÉCNICA DA PUBLICAÇÃO

Supervisão **SEBASTIAN ROCCA**
Coordenação **LUCAS PAOLI ITABORAHY**
Entrevistas **CLARISSE KALUME, IVANA RIBEIRO & JULIO MOREIRA**
Autoria e revisão **LUCAS PAOLI ITABORAHY, CLARISSE KALUME & IVANA DE PINHO RIBEIRO**
Tradução **PAULA STRICKLAND SAUER DIAS**
Revisão em Inglês **ERIN POWER**
Fotos **ELISA GAIVOTA E CLÁUDIO MELO**
Design e diagramação **THALES L. AQUINO, *DETSŌ CONSULTORIA CRIATIVA***

Esta publicação foi produzida com a assistência da União Europeia. O conteúdo desta publicação é de exclusiva responsabilidade da Micro Rainbow International e não pode ser de modo algum associado aos posicionamentos da União Europeia. A MRI permite a livre reprodução desta publicação, desde que sejam feitas as devidas referências bibliográficas.

CITAÇÃO SUGERIDA

ITABORAHY, LUCAS P.; KALUME, CLARISSE C. & RIBEIRO, IVANA P. (2017) EMPREENDEDORISMO LGBT: histórias de empoderamento socioeconomico no Rio de Janeiro (2015-17). Rio de Janeiro, Brasil: Micro Rainbow International C.I.C.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer aos **participantes do projeto Micro Rainbow Brasil** por terem acreditado em nosso trabalho e encampado a ousada missão de se tornarem agentes de transformação social de suas próprias realidades, inspirando seus pares a lutar e resistir por um mundo mais inclusivo e igualitário.

Agradecemos especialmente àqueles e àquelas que dedicaram seu tempo e nos confiaram suas **inspiradoras e valiosas histórias de vida** nas entrevistas que subsidiam esta publicação. Foi uma tarefa árdua escolhê-los entre tantos participantes do projeto e adoraríamos poder contar a história de cada um de vocês, mas, infelizmente, não tínhamos tempo hábil para fazê-lo. Esperamos que as(os) entrevistadas(os) possam representar e servir de exemplos para tantas outras lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais que compartilham do desejo de emancipação e integração efetiva à sociedade brasileira.

Um agradecimento especial à **Leidmar Verneque**, professora do nosso curso de empreendedorismo, por toda a dedicação e conhecimentos que fizeram o sucesso das(os) alunas(os) como empreendedoras(es). Também agradecemos à **Maud Chalamet**, pela confiança no trabalho da Micro Rainbow International e colaboração contínua em todas as etapas do projeto, desde a sua concepção.

Agradecemos ainda a todas as **instituições parceiras**, que abriram suas portas e corações à inclusão LGBT de tantas maneiras que seria impossível conceber a trajetória percorrida e resultados alcançados sem essa cooperação ímpar. Com a mesma estima e reconhecimento, agradecemos a todos os **voluntários** do projeto, que investiram seu tempo e competências profissionais em prol da causa LGBT.

Por fim, agradecemos à **União Europeia** que, por meio do Instrumento Europeu para a Democracia e os Direitos Humanos, garantiu todo o aporte financeiro que viabilizou a execução desse projeto pelo período de três anos, bem como as ferramentas metodológicas para a sua implementação e monitoramento. Todas as conquistas apresentadas nessa publicação somente foram possíveis porque vocês acreditaram na relevância social da ação para a comunidade LGBT, bem como na capacidade institucional da Micro Rainbow International e suas organizações parceiras para desempenhar esse papel, facilitando nossa entrada no Brasil.

PREFÁCIO

O trabalho dignifica, dá sentido à vida, provê o sustento da pessoa humana e é um direito garantido pela nossa constituição. Mas nem todos cidadãos brasileiros conseguem ter acesso a esse direito, tais como as pessoas LGBT, principalmente travestis e transexuais. Infelizmente, LGBT ainda têm seus direitos negados por serem vistos como aberrações, anormalidades, por estarem fora do padrão cis/heteronormativo. Pessoas travestis e transexuais ainda são vistas como imorais, abjetas e são excluídas e segregadas pela sociedade, ficando à margem da empregabilidade formal e sistematicamente empurradas para a prostituição. Precisamos humanizar essa parcela da população, transformá-las em cidadãs de fato e de direito. O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo e precisa urgentemente se acostumar a conviver com as(os) mesmas(os), naturalizando, assim, o convívio entre os diferentes.

A partir da minha própria vivência como mulher trans e do olhar que construí como militante da causa, posso afirmar que ter integrado a primeira turma do curso de empreendedorismo do projeto Micro Rainbow Brasil foi fundamental para me mostrar o que é e como ser empreendedora. E, para além dos aprendizados como aluna, ter sido monitora da turma foi muito importante para minha autoestima e para me mostrar que posso produzir e ser útil, dando suporte para os meus pares produzirem seus próprios planos de negócios. Foi uma experiência única!

O projeto Micro Rainbow Brasil é de suma relevância porque revela talentos e dá subsídios de geração de trabalho e renda à população LGBT em várias frentes. E o curso de empreendedorismo é uma opção concreta para que não dependam exclusivamente da empregabilidade formal e tenham condições de se tornar empreendedores e geradores da própria renda, ensinando a administrar de forma organizada a renda obtida com o empreendimento ou carreira escolhidos. Senti que os participantes do curso ficam, para dizer o mínimo, com a autoestima mais elevada, aprendem a organizar melhor as ideias e definir uma meta para colocar em prática seu lado empreendedor com todas as suas aptidões, agora munidos de técnica para ter sucesso profissional.

Como participante do projeto e ativista trans, tenho o prazer de recomendar a leitura das histórias de minhas e meus colegas, esperando que estas possam inspirá-los para a construção de uma sociedade com real igualdade de oportunidades para todas e todos. Boa leitura!!!

BÁRBARA AIRES
Consultora de Gênero e Sexualidade
e Assessora Parlamentar

1. INTRODUÇÃO

A Micro Rainbow International (MRI)[1] é uma organização não-governamental que atua na inclusão socioeconômica de **lésbicas**, **gays**, **bissexuais**, **travestis**, **transexuais** e **intersexuais** (**LGBTI**)[2]. Nossa missão é criar ferramentas, programas e recomendações que ajudem pessoas LGBTI a sair da situação de pobreza, facilitando seu acesso ao emprego, formação profissional e abertura de pequenos negócios. Atualmente, a organização possui projetos no Reino Unido, Camboja e Brasil.

Os resultados da pesquisa "**Pessoas LGBT vivendo em pobreza no Rio de Janeiro**"[3], publicada pela MRI em 2014, fundamentaram a criação do Projeto Micro Rainbow Brasil, um projeto-piloto com ações nos eixos de empregabilidade e empreendedorismo para população LGBT de baixa renda da zona metropolitana do Rio de Janeiro. Para tanto, a MRI assegurou um aporte orçamentário da **União Europeia**, com duração de três anos (2015-2017), através de um edital do **Instrumento Europeu para a Democracia e os Direitos Humanos** (**IEDDH**) e consolidou parceria com o Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBT e outras entidades locais para implementação do projeto.

1.1 PROJETO MICRO RAINBOW BRASIL

No intuito de responder à demanda por oportunidades de trabalho verificada na supracitada pesquisa e tendo em vista experiências bem-sucedidas de inserção socioeconômica com o público-alvo em outros países onde a organização atua, a equipe do projeto Micro Rainbow Brasil desenvolveu uma metodologia pioneira de atendimento à população LGBT de baixa renda no Rio de Janeiro focada em duas linhas de ações:

- **Empreendedorismo**: em parceria com a ONG Positive Planet Brasil, a MRI desenvolveu um dos primeiros cursos de empreendedorismo no mundo exclusivo para pessoas LGBT. O curso oferece treinamento em educação financeira e gestão de negócios para abertura, expansão ou formalização de pequenos empreendimentos, bem como monitorias, acompanhamento e orientação individual.

1 Conheça mais em: *www.micro-rainbow.org*

2 Embora a MRI trabalhe com pessoas intersex em outros países, no Brasil nenhum dos participantes do nosso projeto se identifica como intersex e, portanto, usaremos a sigla LGBT ao longo desta publicação.

3 Disponível em: *https://goo.gl/Xf6TqX*

- **Empregabilidade**: em parceria com várias instituições locais (veja quadros nas páginas 12 e 13), a MRI facilita o acesso de pessoas LGBT a cursos profissionalizantes, oficinas e treinamentos gratuitos para melhoria de sua qualificação técnica e oportunidades de trabalho.

Além disso, a equipe do projeto oferece **treinamentos gratuitos para empresas privadas e outras instituições** sobre as barreiras enfrentadas por pessoas LGBT para obter emprego, com recomendações para adoção de políticas e práticas corporativas inclusivas baseadas em pesquisas e diretrizes internacionais. O propósito dos treinamentos é sensibilizar gestores e funcionários de empresas privadas sobre **inclusão LGBT no mundo do trabalho**, instruindo-os a melhorar as condições de acesso e permanência de nosso público-alvo no mercado de trabalho formal e tornar o ambiente corporativo mais acolhedor para funcionários e clientes com orientação sexual/identidade de gênero diversa, evitando, assim, situações de homofobia e transfobia.

1.2 NOSSA REDE DE PARCERIAS

Uma das premissas de trabalho da Micro Rainbow International é a criação de redes locais de parcerias em todos os países onde atuamos. Acreditamos que a sinergia com outras iniciativas locais seja fundamental não somente para aumentar as chances de atingirmos nosso público-alvo, mas também para maximizar o potencial das oportunidades já existentes mediante construção de estratégias sistemáticas de cooperação com instituições locais.

No Brasil, estabelecemos parcerias com diversas organizações que trabalham com inclusão socioeconômica em geral ou com a causa LGBT diretamente. Mediante esta rede, procedemos a encaminhamentos de beneficiários nos eixos de empregabilidade ou empreendedorismo, como também nossos treinamentos para empregadores e demais ações de visibilidade do projeto. Esta colaboração com um vasto espectro de organizações e coletivos e divulgação territorial e virtual ostensiva de nossas ações nos meios LGBT se mostrou uma ferramenta poderosa de acesso a oportunidades de formação gratuitas, antes desconhecidas ou inacessíveis ao nosso público-alvo.

Entre os principais parceiros, podemos citar: Grupo Arco-íris, Positive Planet Brasil, Rede Cidadã, Gastromotiva, Escola Carioca de Hotelaria e Feira Velcrx. Ademais, encaminhamos alguns participantes do projeto para o Programa Vira Vida da FIRJAN e para o projeto Ecomoda (veja quadros nas páginas 12 e 13 com a descrição das parcerias).

O projeto Micro Rainbow Brasil também contou com importantes aliados no poder público, tanto em âmbito estadual como municipal, complementando esforços governamentais para execução de políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT no Rio de Janeiro. O Programa **Rio sem Homofobia**, gerido pela **Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos**, foi um dos primeiros parceiros da MRI no

Brasil e facilitou a interlocução da organização com diversos atores no Estado do Rio, desde membros da sociedade civil até órgãos públicos. As ações do projeto foram amplamente divulgadas pelo Rio sem Homofobia, o qual também cedeu um auditório para realização da formatura da terceira turma do nosso curso de empreendedorismo. A MRI também teve posição estratégica em grupos de trabalho e na elaboração de propostas de ações nas conferências regionais LGBT em 2016. Além disso, nossas ações reverberaram politicamente no **Conselho Estadual dos Direitos da População LGBT**, enfatizando em suas pautas de discussões as demandas por inclusão socioeconômica do nosso público-alvo.

Com a **Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro** foi possível desenvolver parcerias em duas frentes. A primeira com a **Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual** (**CEDS**), que contribuiu com a difusão de nossas ações para travestis e transexuais participantes do Projeto Damas, voltado para reinserção social e laboral deste segmento. A segunda aproximação se deu por meio da antiga **Subsecretaria de Inclusão Produtiva** (**SUBIP**), atual Núcleo de Inclusão Produtiva, vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos. A SUBIP facilitou o encaminhamento de participantes do projeto a palestras relacionadas ao tema de empreendedorismo e cursos de formação profissional na área de Turismo e Hotelaria da Escola Carioca de Hotelaria, além de nos aproximar a outros aliados públicos e acadêmicos.

Não podemos deixar de mencionar os indispensáveis aportes que recebemos de instituições de ensino e pesquisa. O **Núcleo Universitário de Empreendedorismo e Inovação da Unicarioca – NUEI** disponibilizou três vagas de capacitação em gestão de negócios para os monitores do nosso curso de empreendedorismo e para a coordenadora deste eixo no projeto. A empresa **Educativa**, juntamente com graduandos de psicologia do **Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM**, realizou um excelente trabalho de acompanhamento psicológico e motivacional com os alunos da primeira turma do nosso curso. Uma atividade similar foi executada por estudantes de psicologia do **Centro Universitário IBMR-Laureate** para os alunos da quarta turma. Em 2016, desenvolvemos ainda várias frentes de cooperação com a **Fundação Oswaldo Cruz** (**Fiocruz**), desde aproximações com a coordenação da Pesquisa Divas à participação como docentes no curso de Empoderamento Trans e na Pós-Graduação em Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos, todas iniciativas da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP).

PRINCIPAIS PARCERIAS

O **GRUPO ARCO-ÍRIS**, fundado em 1993, é uma das organizações não-governamentais LGBT mais antigas do Brasil. Juntamente com a MRI, o Grupo Arco-Íris apresentou a proposta de financiamento à União Europeia e, além de ceder uma sala em sua sede para o escritório do projeto, também alocou dois de seus experientes membros para compor a nossa equipe. Devido à grande capilaridade do Grupo e sua inserção nos espaços de incidência política do movimento LGBT local, foi possível uma maior amplitude nas ações do projeto, ativação das redes de seus parceiros e identificação de oportunidades de visibilidade e mobilização comunitária.

A **POSITIVE PLANET BRASIL**, anteriormente chamada Planet Finance, é uma filial da ONG francesa que visa a erradicação da pobreza por meio da inclusão financeira. A Positive Planet esteve envolvida no projeto Micro Rainbow Brasil desde sua concepção e agregou sua expertise em educação financeira e conhecimentos técnicos em gestão de negócios para o desenvolvimento do nosso curso de empreendedorismo. Sua ex-diretora executiva, Maud Chalamet, teve participação ativa no acompanhamento de nossas ações e ofereceu serviços de consultoria empresarial para alunas(os) do nosso curso, por meio de sua empresa Soluções Inclusivas.

A **REDE CIDADÃ** constituiu parcerias em todas as nossas linhas de ação, oferecendo mentorias individuais para implementação dos planos de negócios de alunos que se formaram no curso de empreendedorismo e capacitações para o mercado de trabalho com cadastramento em banco de talentos. A Rede também realizou uma capacitação exclusiva para o projeto que treinou pessoas LGBT para vagas de trabalho nas Olimpíadas. Ademais, a organização convidou nossa equipe para ministrar o treinamento sobre inclusão LGBT a funcionários de empresas parceiras em seu primeiro Seminário Diversidade no Mundo do Trabalho realizado em 2016.

A **GASTROMOTIVA** é uma organização não-governamental que promove a inclusão social pela gastronomia. Além do Refettorio Gastromotiva, um restaurante-escola com fins sociais e de integração comunitária, a Gastromotiva oferta cursos profissionalizantes de cozinha gratuitos, disponibilizando cinco vagas por turma para o nosso projeto. Desde fevereiro de 2016, encaminhamos alunos para cinco edições do curso, que obtiveram ótimo grau de desempenho, satisfação e entrada no mercado de trabalho.

A **ESCOLA CARIOCA DE HOTELARIA** oferece cursos profissionalizantes gratuitos nas áreas de Turismo e Hotelaria , por meio de uma parceria público-privada entre a Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos , o Instituto Pertencer e empresas financiadoras. Encaminhamos candidatos LGBT aos processos seletivos para duas turmas de bartender e uma de assistente de cozinha. Vale ressaltar o ineditismo da entrada de alunos trans na Escola Carioca de Hotelaria, o que ensejou a necessidade de um treinamento específico para a equipe, professores e estudantes, realizado pela equipe do projeto na semana de aulas inaugurais dos cursos.

A **FEIRA VELCRX** é uma feira de empreendedorismo voltada para mulheres lésbicas e trans. Apoiamos todas as edições da feira até o momento, que contaram com exposições dos trabalhos de empreendedoras participantes do projeto, se mostrando um espaço bastante profícuo para fortalecimento de seus negócios e formação de redes, bem como para divulgação e recrutamento de possíveis interessadas para o nosso curso de empreendedorismo.

1.3 RESULTADOS

Entre 2015 e 2017, o projeto Micro Rainbow Brasil trouxe oportunidades de trabalho e renda para pessoas LGBT no Rio de Janeiro, tanto por meio do empreendedorismo como pela qualificação profissional, e desempenhou um papel fundamental na sensibilização de diversos setores da sociedade sobre a importância da inclusão socioeconômica desta comunidade. Nossas ações tiveram forte repercussão e receptividade de nosso público-alvo, tanto pelo seu pioneirismo como pela divulgação ostensiva e estratégica nos espaços LGBT, imprensa e mídias sociais.

Neste período, atendemos **164 pessoas LGBT** em situação de vulnerabilidade e **127 delas concluíram cursos** de formação nos eixos de empregabilidade e/ou empreendedorismo[4]. Ao todo, foram **52 lésbicas** (32%), **56 gays** (34%), **18 bissexuais** (11%), **7 travestis** (4%) e **31 pessoas trans** (19%). Os dados abaixo revelam os resultados por cada eixo de ação:

- **46** das **77** pessoas encaminhadas a cursos de qualificação profissional concluíram suas formações profissionais nas áreas de gastronomia, hotelaria, moda e jovem aprendiz.

- Ao todo, foram realizadas quatro edições do curso de empreendedorismo, com um total de **336** candidatos inscritos, dos quais **122** foram selecionados.

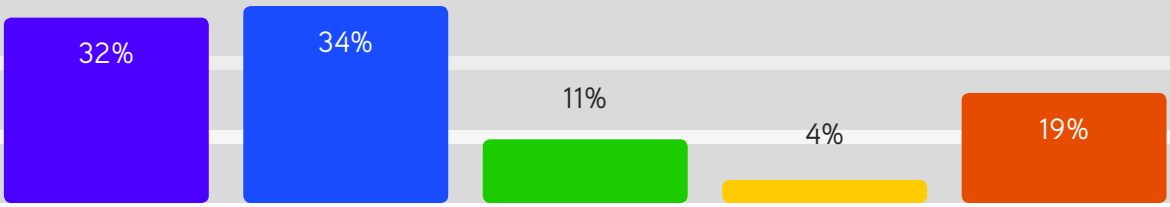
- Entre os **81** alunos que se formaram no curso e defenderam seus planos de negócios, **53** abriram ou expandiram seus pequenos negócios.

Além disso, ministramos nossos treinamentos sobre inclusão LGBT no mundo do trabalho para **23 instituições**, como a Petrobras, o Grupo Pão de Açúcar, Carrefour, SENAC e SENAI, bem como as delegações da União Europeia no Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Venezuela e funcionários de algumas agências da ONU Brasil. Ao todo, aproximadamente **230 pessoas** foram capacitadas e obtiveram incrementos significativos em seus conhecimentos sobre as barreiras enfrentadas por pessoas LGBT para acessar e permanecer no mercado de trabalho e como promover um ambiente corporativo livre de homo e transfobia. ■

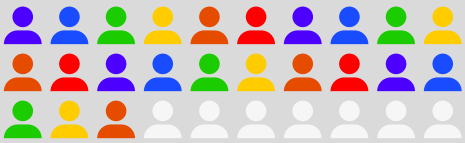
4 Entre as principais razões identificadas em nosso monitoramento individual para a evasão dos 37 participantes estão a necessidade de incremento de renda e oportunidades de trabalho mais imediatas, especialmente com o agravamento da crise econômica no país e no Estado do Rio. Os cortes orçamentários nos programas sociais dos governos também aprofundaram essa urgência, principalmente para as trans e travestis, ocasionando desistências dos cursos em andamento.

PROJETO MICRO RAINBOW BRASIL (2015-2017)

Atendemos **164 pessoas LGBT** em situação de vulnerabilidade



52 lésbicas | **56** gays | **18** bissexuais | **7** travestis | **31** pessoas trans



127 pessoas **concluíram cursos** de formação nos eixos de

empregabilidade

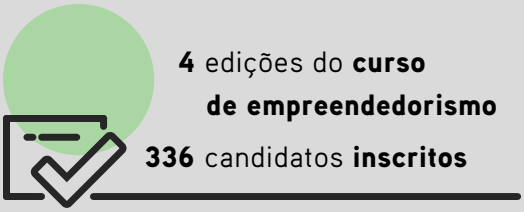
empreendedorismo

46 pessoas concluíram suas formações **profissionais** nas áreas de

Gastronomia

Hotelaria

Moda



4 edições do **curso de empreendedorismo**

336 candidatos **inscritos**

122 selecionados

81 alunos **formados**

53 pequenos negócios abertos ou expandidos

2. ESTUDOS DE CASO

A presente publicação informa os impactos qualitativos do projeto na vida de seus participantes, haja vista que os dados quantitativos descritos anteriormente não são suficientes para demonstrar todas as mudanças e conquistas alcançadas por eles ao longo dos últimos três anos. Os resultados do projeto Micro Rainbow Brasil indicam que **a inclusão socioeconômica de pessoas LGBT não apenas melhora suas condições de vida e sua situação financeira como também cria exemplos positivos de visibilidade, empoderamento e protagonismo LGBT no mercado de trabalho**, o que, por sua vez, acaba contribuindo para redução de atitudes sociais negativas incidentes sobre essa parcela da população.

Os onze estudos de caso desta publicação são uma pequena amostra de um universo de **mais de 160 participantes do projeto**. O grupo não foi aleatoriamente escolhido: a seleção dos casos obedeceu a critérios de participação nas ações do projeto e representatividade. O primeiro critério contempla **participantes que concluíram de forma satisfatória as ações de qualificação profissional e/ou empreendedorismo**, incluindo as fases posteriores de monitoramento e encaminhamentos complementares, demonstrando envolvimento e identificação com o projeto. O **critério de representatividade** diz respeito tanto às identidades que compõem a comunidade LGBT quanto a **marcadores raciais/étnicos, etários e de gênero**, de forma a compreender os impactos do projeto sob diferentes lugares de fala, perspectivas e trajetórias.

O procedimento de entrevistas conduzido pela equipe do projeto foi composto por uma triagem inicial para registro de informações gerais e interesses profissionais e por um formulário de monitoramento aplicado antes e depois da participação no projeto. Este segundo instrumento visa compreender de forma mais abrangente a **exposição à vulnerabilidade socioeconômica** de cada participante, estabelecendo um marco zero para avaliação posterior dos impactos do projeto em cada caso. Para além da aplicação desses questionários, existe um **processo constante de monitoramento presencial**, por telefone e outros meios, que acompanha e informa como os participantes se movem ao longo do tempo, permitindo ajustes fundamentais para um bom aproveitamento das nossas ações. São os resultados desse minucioso acompanhamento que se apresentam nos casos que se seguem, ritmados pela diversidade biográfica das(os) entrevistadas(os).

Esperamos que estas **histórias de resistência, superação e empoderamento socioeconômico** sejam mais que um registro dos efeitos positivos do projeto Micro Rainbow Brasil na vida de seus participantes. Acreditamos que estes **exemplos possam servir de inspiração e motivação para muitas pessoas LGBT de baixa renda que sonham com melhores oportunidades de trabalho e com o reconhecimento pleno de seus talentos e potencialidades, independentemente da sua orientação sexual e/ou identidade de gênero.** ■

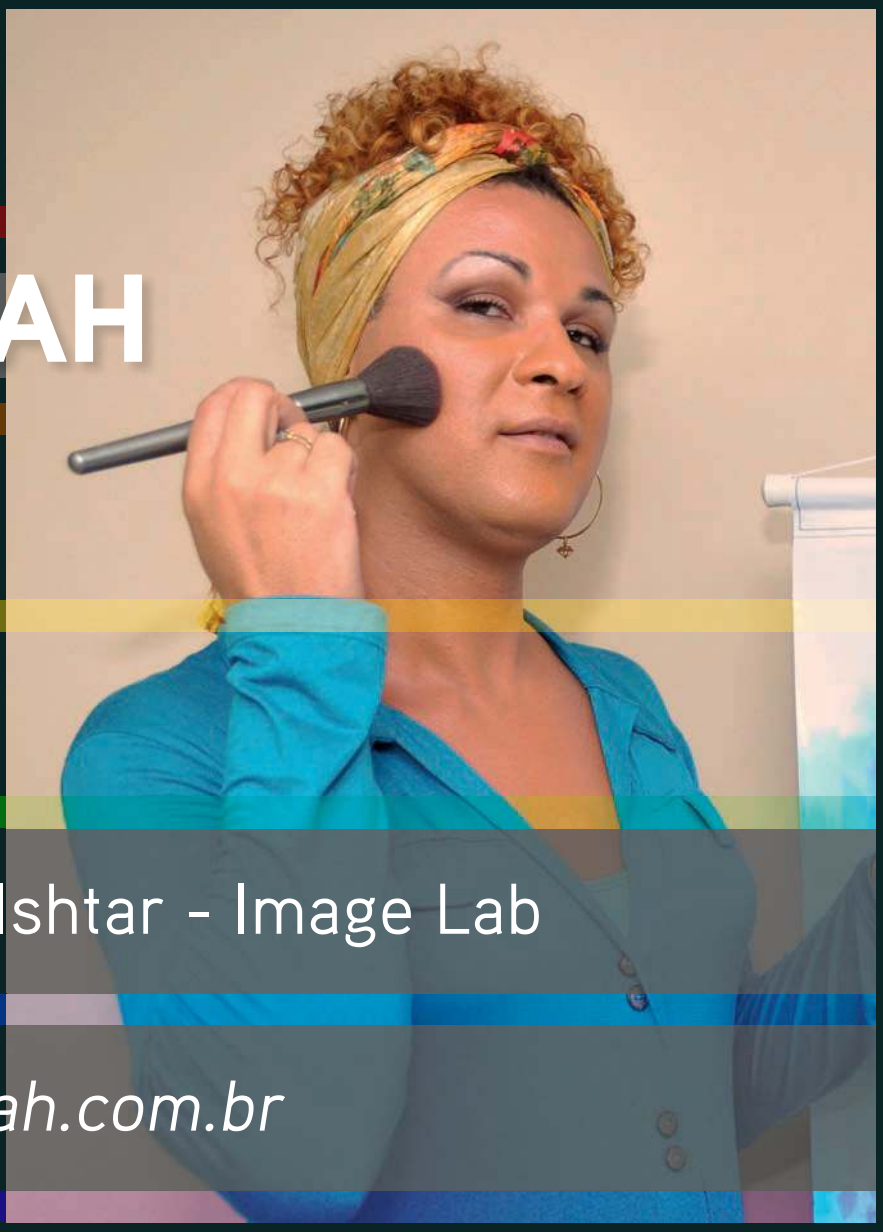
TURMA 1

TURMA 2

TURMA 3

TURMA 4

LAYLAH



40 anos

Laylah El Ishtar - Image Lab

www.laylah.com.br

A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE LAYLAH COM IMAGEM PESSOAL começou quando ela tinha 15 anos. Antes de encarar o desafio de investir no empreendedorismo de forma mais estruturada, Laylah já exercia trabalhos na sua área, como funcionária e por conta própria. Enquanto estava casada, ela não enxergava no trabalho um potencial para sua autonomia, mas apenas um complemento, ainda que muito importante, da renda familiar. Essa percepção começou a mudar quando se separou do marido. Nesse momento doloroso, Laylah começou a traçar seu caminho de independência pessoal e profissional. Ela decidiu que mudaria suas expectativas sobre relacionamento afetivo, priorizando sempre sua liberdade e bem-estar. No lado profissional, os anos de experiência com imagem pessoal conferiram talento e consistência à sua trajetória. Laylah já tinha aptidão para empreender e estava descobrindo como usá-la para seu próprio empoderamento.

FORTALECENDO UMA IDENTIDADE EMPREENDEDORA

Foi no momento em que começava a fortalecer seu negócio de consultoria em imagem pessoal, *Laylah El Ishtar - Image Lab*, que ela ingressou na segunda turma de empreendedorismo da Micro Rainbow Brasil em maio de 2016. Quando iniciou o curso ela admite que ainda não tinha consciência do seu potencial empreendedor:

"Eu não me entendia como empreendedora, eu achava que era uma sobrevivente".

O curso a fez reavaliar seus objetivos profissionais e lhe propiciou conhecimentos de ferramentas para gerir melhor seu negócio.

Conforme aplicava na prática os ensinamentos do curso, Laylah foi fortalecendo sua identidade como empreendedora, elaborando um plano de negócios que lhe possibilitaria garantir sua autonomia financeira e o crescimento da empresa. Ela conseguiu se organizar para ter planos de contingência, mantendo sua empresa estável apesar do período de crise. Não foi fácil para Laylah se confrontar com os próprios erros de gestão, embora estes tenham sido fundamentais para construir uma visão realista e objetiva do próprio negócio.

Além de melhorar a gestão da empresa, Laylah observa que os ensinamentos de educação financeira obtidos no curso foram extremamente importantes para a organização de suas finanças pessoais. Ela avalia que sua renda atual é menos satisfatória do que antes de fazer o curso, mas isso se deve principalmente ao fato de que hoje suas ambições são muito maiores e ela percebeu que esse trabalho pode levá-la a atingir sonhos que antes pareciam impossíveis. Sua consciência como consumidora também mudou e hoje ela planeja melhor os ganhos e também os gastos: "*Hoje eu sei que posso fazer uma viagem se quiser. Posso me planejar e economizar pra isso.*"

RESISTÊNCIA FEMINISTA

Depois que fez o curso Laylah alcançou novas oportunidades de trabalho, como coordenar a equipe de maquiagem nas Olimpíadas. Ela se sentiu mais empoderada como pessoa trans para resistir e fazer frente às discriminações com base na sua identidade de gênero. Sua percepção sobre os ambientes em que sofre preconceito também se acentuou. Laylah já era militante feminista e LGBT e cada vez mais a reflexão sobre as diversas formas de preconceito que atravessam seu cotidiano a tornam mais consciente do seu papel transformador da sociedade. Ela ganhou uma percepção mais acurada sobre a homotransfobia e o machismo, combatendo aguerridamente suas manifestações, mesmo quando o alvo é outra pessoa. A utilização de diversos espaços da cidade, como shoppings, ruas e transportes públicos, continua sendo um desafio, mas ela não permite que os olhares incomodados limitem sua liberdade.

Laylah já sofreu preconceito em diversos ambientes públicos e privados por sua identidade de gênero. Praticante de religião de matriz africana, Laylah não se sentiu acolhida nesse espaço que costumava ser tão importante para ela. Como militante, ainda tentou encaminhar esse debate internamente, mas não obteve sucesso, optando por afastar-se da religião diante da impermeabilidade em relação ao tema. Essa foi uma decisão muito difícil, mas sua fé está para além das casas religiosas. Laylah exige mais do que ser tolerada. Ela exige ser integralmente aceita. Em todos os espaços. Ela enfatiza:

"Eu decidi que não precisava mais de religião, eu continuo com a minha fé, eu continuo com a minha crença, mas não dá, não dá pra ser apenas tolerada".

A autonomia financeira e profissional garante que Laylah não viva cotidianamente a discriminação que muitas trans sofrem no ambiente de trabalho, mas o preconceito não desapareceu completamente. Ainda que se sinta respeitada pelas(os) clientes e outros profissionais da área, ela percebe que o caminho para firmar parcerias com cursos e empresas da área de estética é mais difícil para ela. Entretanto, ela segue em frente, encarando esse como mais um desafio que, definitivamente, não vai interromper sua caminhada.

O EMPREENDEDORISMO E A LIBERDADE

Embora não tenha sofrido problemas de discriminação quando trabalhava para outra pessoa, Laylah vê muita dificuldade na inclusão de transexuais no mercado de trabalho devido ao preconceito. Em sua militância ela defende a autonomia financeira como um fator fundamental para a melhoria na qualidade de vida das mulheres trans e o empreendedorismo como uma boa alternativa para atingir esse objetivo. O grande entrave para que uma profissional empreenda é o medo de arriscar. Sobre isso, Laylah tem uma advertência muito direta:

"É preciso ter coragem para romper com o papel que a sociedade determina para as mulheres trans".

E essa é uma batalha que vale a pena ser travada. Quando olhamos para a história de Laylah hoje, vemos que o empreendedorismo se encaixa perfeitamente em sua trajetória. Ser empreendedora lhe garante uma autonomia muito maior de decisão sobre sua vida profissional. Nada mais adequado para uma mulher que decidiu tomar para si o controle e a responsabilidade sobre seu destino que encarar, com coragem, a aventura de empreender. O caminho que Laylah escolheu é a liberdade e a aceitação plena de quem ela é. E ela fez isso em todas as esferas da sua vida: no amor, na fé e no trabalho. ■

ISA

34 anos

IT Consulting

www.itconsulting.net.br

ISA É PROFISSIONAL DA ÁREA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO (TI). No início de sua carreira Isa trabalhava em fábricas de softwares, onde sentia diariamente o peso do machismo e da exploração do trabalho. Movida pelo desejo de se libertar desse ambiente exaustivo e opressor que afetava sua qualidade de vida e a limitava profissionalmente, Isa decidiu abrir sua própria empresa de consultoria em TI, a *IT Consulting*.

UM LEÃO POR DIA

O início da *IT Consulting* não foi fácil. Mesmo com sua vasta experiência profissional e uma motivação tão propulsora, Isa teve que percorrer um longo caminho para conseguir formalizar a empresa, expandir clientela e se estabilizar financeiramente. E foi nesse percurso que ela conheceu, no final de 2015, o Projeto Micro Rainbow Brasil, se formando na primeira turma do curso de empreendedorismo exclusivo para pessoas LGBT. A formação trouxe muitos benefícios diretos para o desenvolvimento da *IT Consulting*, como a elaboração do plano de negócios e incremento de sua receita. A partir dos conteúdos relativos à formalização de negócios ministrados nas aulas, Isa começou a emitir notas fiscais e acessar o mercado corporativo, alavancando seu negócio de forma significativa:

"Eu não tinha nenhuma renda fixa, era todo dia ter que matar um leão e hoje em dia eu já tenho uma renda que me mantém. Então aumentou sim, bastante, a minha renda da realidade anterior onde eu era autônoma sem conhecimento de gestão e sem a legalização para hoje em dia, que sou MEI (Microempreendedora Individual), com conhecimento, com a legalização e com as notas fiscais, possibilitando fechar contratos mensais de manutenção de computadores, sites e hospedagem web com pequenas e médias empresas. Eu praticamente dobrei a minha receita no último ano".

Esse aumento na renda possibilitou sair da casa da família para morar com sua esposa, conquistando uma participação mais equilibrada no orçamento doméstico e um padrão de vida mais confortável. O reconhecimento profissional também trouxe mais confiança e intimidade na relação com a mãe e as irmãs, que antes olhavam sua orientação sexual com distanciamento e desconfiança. Sua independência financeira as tranquilizou e elas passaram a demonstrar curiosidade em relação a sua vida afetiva, afastando o desconforto inicial e abrindo a possibilidade de reconfigurar os laços familiares em novas bases.

CONSULTORA DE TI, MULHER E LÉSBICA

Isa reconhece que, apesar de já estar atuando como autônoma desde 2013 o curso a ajudou a compreender de forma mais integral o significado de ser empreendedora. Para ela, empreender não se resume a ter ou não um pequeno negócio, mas:

"É como você faz o seu trabalho independente de ser você o dono. É acreditar na ideia, sem se alienar. É se conectar com as pessoas e descobrir a melhor maneira de oferecer seu produto ou serviço e isso pode ser feito até quando se é funcionário, não apenas pelo dono. Eu acho que essa visão muda tudo".

Esse aprendizado não passou despercebido. Pelo seu notável desempenho no curso, Isa foi eleita monitora da 2ª turma pelas(os) próprias(os) colegas, posição que manteve nas três edições seguintes, ajudando outras(os) alunas(os) nas dúvidas e reposição de conteúdo. Isa enfatiza o papel da monitoria na sua vida pessoal e profissional, tanto pela oportunidade de poder revisitar os conteúdos ministrados quanto pelo contato enriquecedor com outras realidades de vida, apurando sua sensibilidade para as vulnerabilidades LGBT, raciais e de gênero. Ela menciona com carinho o valor dessa experiência, que extrapola a dimensão profissional:

"Como aluna eu absorvi muito conhecimento, fiz grandes amigos, mas quando eu comecei a ver pelo outro lado, o da monitoria, comecei a observar como os outros alunos absorviam esses conhecimentos e como eles mudavam a vida deles. Isso teve um impacto infinitamente maior pra mim. Eu sou muito grata pela oportunidade de ter sido monitora, foi um universo muito rico pra mim".

Apesar dos aprendizados e ganhos relatados, os desafios como empreendedora ainda são muitos. Isa acredita que nunca perdeu oportunidades de trabalho por ser lésbica, embora admita uma postura flexível e estratégica quanto à assunção de sua orientação junto aos clientes, mantendo discrição em alguns casos. Reconhece ainda sua relativa posição de privilégio no acesso ao mercado de trabalho por ser branca e ter "passabilidade hetero"[5].

Se ser lésbica deixou de representar um entrave à sua inserção profissional, ser mulher no ramo de TI ainda o é. E muito. A presença de estereótipos que desqualificam as mulheres nas áreas ligadas a ciência e tecnologia é inequívoca e a questão de gênero parece preponderar em relação às demais: *"Você não pode dar um mínimo vacilo, dizer que vai se informar sobre um assunto que não conhece tão a fundo... Ninguém é especialista em todas as áreas, mas uma mulher na área de TI tem que provar o tempo todo que sabe tudo"*.

Nesse sentido, ela reforça a importância de participar das redes e mercados feministas como o *Indique uma Mina* como estratégia de empoderamento socioeconômico e enfrentamento da misoginia no mercado de trabalho: *"a questão da rede também é importante porque você sabe com quem contar, fortalecendo as pessoas que estão sendo vítimas de discriminação e evitando que a violência cresça."* Isa também é uma das idealizadoras da *Pink at Work*, uma plataforma online de oferta de serviços oferecidos por empreendedores LGBT (saiba mais no quadro disponível na página 28).

5 Passabilidade cis ou hetero: ocorre quando pessoas transgêneras (as que fazem transição para o gênero com a qual se identificam) são lidas pela sociedade como se fossem cisgêneras (as que se identificam com o gênero atribuído ao sexo de nascença). Também pode ser aplicada a homossexuais que são percebidos como heterossexuais. A "passabilidade" cis ou hetero não é intencional ou performática, ela é uma interpretação social sobre os indivíduos baseada em características físicas e de expressão culturalmente atribuídas aos gêneros feminino e masculino.

"OS CÃES FAREJAM MEDO"

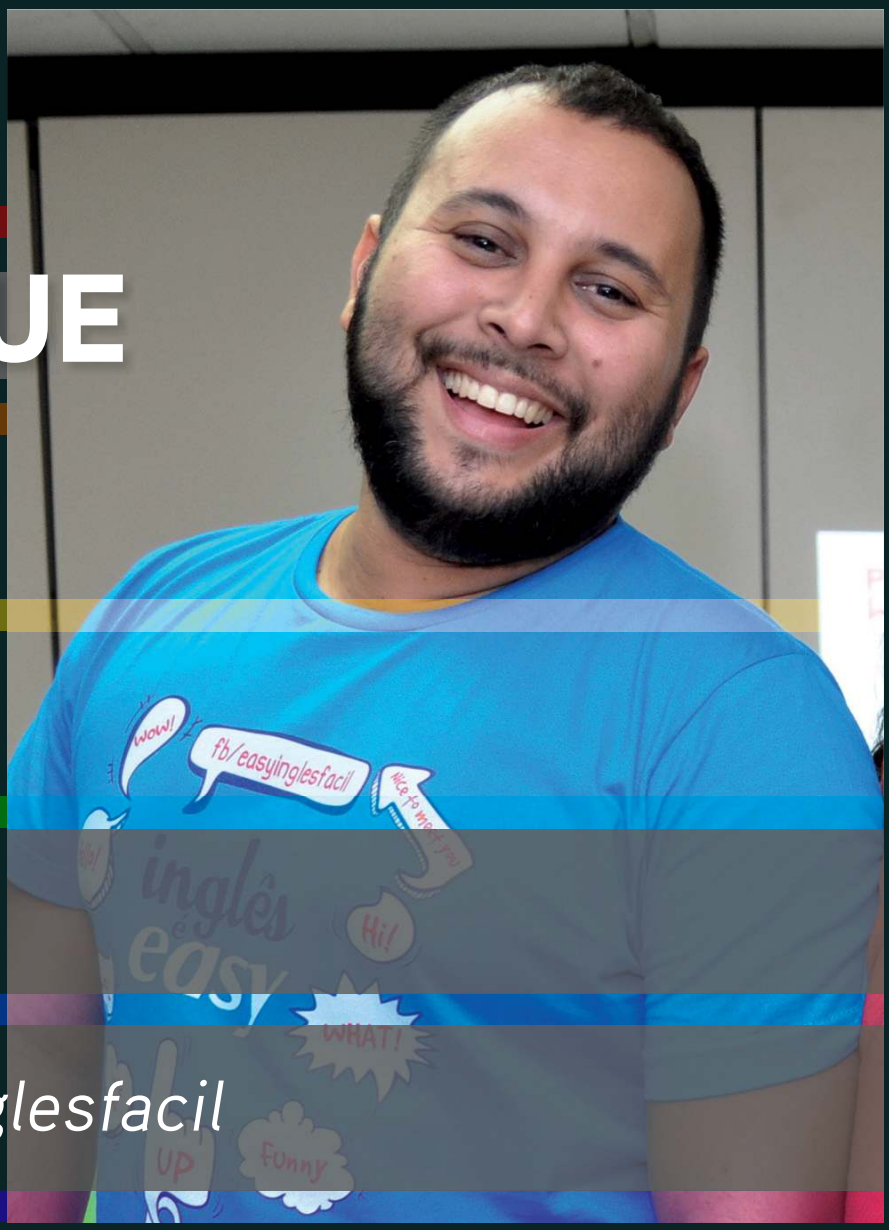
Na percepção de Isa, o preconceito e discriminação contra a comunidade LGBT não se tornaram mais amenos ou menos frequentes nesse intervalo. O que mudou foi a sua condição para enfrenta-los: "*A gente sabe que as pessoas discriminam e, se a pessoa não está com a autoestima tinindo ela se deixa abater. Agora eu tô com a autoestima num ponto que eu considero maravilhoso, então eu vejo que tem a discriminação, que ela existe, mas eu não deixo ela me atingir*", pondera, com realismo.

Ela reflete ainda sobre os impactos desse reposicionamento pessoal e profissional e do aumento de sua renda no tocante à vulnerabilidade à violência homofóbica, tão frequente nos espaços públicos. Isa afirma sentir-se mais protegida desse tipo de agressão hoje em dia, o que denota a efetividade da inclusão socioeconômica sobre o empoderamento individual e redução de atitudes sociais negativas baseadas na orientação sexual e identidade/expressão de gênero, uma das premissas de atuação da Micro Rainbow International:

"Tudo passa pela questão de como você se vê e se coloca no mundo. Quanto mais você se vê pra baixo, mais as pessoas crescem pra cima de você. Os cães farejam medo. A partir do momento em que você se empodera, que você vê que é capaz, que você tá gerando renda, gerando valor para aquela sociedade, você se sente menos exposta". ■

Isa e Isaque com o ex-aluno Hélio (*in memoriam*), ao meio. Ele era proprietário do famoso bar LGBT da zona norte do Rio, o *Bar do Hélio*.

ISAQUE



34 anos

Fale Easy

easyinglesfacil

HÁ SEIS ANOS ISAQUE COMEÇOU A DAR AULAS PARTICULARES de inglês no Rio de Janeiro. Ao longo de sua experiência como professor, ele percebeu que não bastava ter qualificação e competência para alcançar a autonomia financeira e profissional: era preciso dar um passo a mais. Assim, ele deixou os cursos onde trabalhava e criou o curso *Fale Easy*.

DO PRECONCEITO À INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA

Abertamente gay desde os 16 anos, Isaque chegou a sofrer preconceitos e discriminação devido à sua orientação sexual durante a infância e adolescência e mesmo ao se candidatar a vagas de trabalho em escolas de idiomas. No entanto, desde que começou a trabalhar de forma autônoma, não sofreu nenhum problema em função da sua orientação sexual. Ele acredita que o fato de ser cisgênero e não afeminado o expõe a menos riscos de homofobia.

Além disso, desde que obteve sua independência financeira, não sente mais preconceitos na sua família, embora esta seja conservadora e evangélica. Muito pelo contrário, sua emancipação não apenas lhe conferiu mais liberdade e aceitação, mas também lhe permitiu ajudar financeiramente seus familiares. Isaque enfatiza que:

"Quando você tem independência financeira, não depende mais [da família] pra nada, para nós, gays, LGBT em geral, a relação se torna mais fácil, eles não têm o que falar contra".

"AGORA CONSIGO EXERCER MEU TRABALHO COM PROFICIÊNCIA"

Em 2015, Isaque se inscreveu na primeira turma do curso de empreendedorismo do projeto Micro Rainbow Brasil, no intuito de elaborar seu tão sonhado plano de negócios. Antes do curso, ele conta que gerenciava sua empresa de forma muito intuitiva, sem um controle sistemático de suas finanças. A conclusão do plano de negócio e os aprendizados do curso lhe possibilitaram ter uma melhor organização financeira da sua empresa e um monitoramento mais eficiente de suas despesas e do fluxo de caixa, que antes era desconhecido. Atualmente, ele consegue planejar melhor seus gastos e investimentos e separar o gerenciamento das despesas pessoais das despesas do seu negócio:

"Antes tinha muita dificuldade de organizar minhas finanças para pagar as contas básicas e hoje isso é bem tranquilo. [...] Agora tenho duas contas bancárias, uma pessoal e outra da minha empresa, e isso eu aprendi no curso".

De fato, Isaque aponta que seu maior aprendizado no curso foi como fazer um planejamento financeiro adequado. Isto lhe possibilitou não somente organizar as finanças da *Fale Easy*, mas investir em si mesmo. Ele revela que não necessariamente conseguiu aumentar o lucro da sua empresa, mas aprendeu como, quando e o que podia gastar. Como consequência, dois anos após o curso ele conseguiu alcançar estabilidade financeira e realizar o sonho de financiar a compra de um carro e do seu próprio apartamento. Ele avalia, com entusiasmo:

"O que o projeto fez foi me profissionalizar. Eu já tinha qualificação [para dar aulas], mas agora consigo exercer meu trabalho com proficiência".

"HÁ POSSIBILIDADES DE MELHORAR A VIDA DE OUTRAS LGBT"

Isaque ainda pretende montar o próprio escritório, pois, atualmente, ministra as aulas de inglês em casa. Este objetivo, que outrora parecia tão distante de ser concretizado, hoje parece viável no médio prazo. A experiência com a Micro Rainbow International ampliou seus horizontes e lhe despertou um desejo de aumentar os rendimentos e ampliar sua empresa. Num futuro próximo, ele espera poder mudar seu status jurídico de microempreendedor individual (MEI) para o Simples Nacional[6]. O convívio com outros LGBT também aumentou sua conscientização sobre as dificuldades que esta comunidade enfrenta para ingressar no mercado de trabalho e, portanto, ele pretende contratar outras pessoas LGBT, principalmente travestis e transexuais, quando conseguir ampliar seu negócio.

Além disso, Isaque enfatiza que sua participação no projeto o fez enxergar seu potencial para exercer outra profissão. Após ter feito o curso, ele foi eleito pelos alunos para ser monitor da turma seguinte, com vistas a auxiliar os demais na elaboração de seus planos de negócios. Seu desempenho foi tão significativo na segunda edição do curso que a professora do curso o convidou a continuar sendo monitor das próximas turmas e, junto com a outra monitora, ele criou uma plataforma de cadastramento de empreendedores LGBT, a *Pink At Work* (saiba mais no quadro disponível na próxima página). Ele considera que seu papel como monitor aumentou ainda mais a sua empatia e solidariedade com outras pessoas LGBT, permitindo-lhe não somente incentivar outros empreendedores e compartilhar seus aprendizados no curso, mas também vislumbrar outra profissão no futuro, como *coach*. *"Agora consigo pensar não somente na minha empresa, mas no sucesso profissional dos outros, dos meus amigos. Hoje eu vejo que há possibilidades de melhorar a vida de outras LGBT"*, ele acredita.

A história de Isaque nos mostra como o nosso curso de empreendedorismo impactou positivamente não somente no planejamento e organização do seu próprio negócio, mas no alcance de sua estabilidade financeira e prosperidade econômica. Ademais, este caso nos revela que integrar o projeto Micro Rainbow Brasil incentivou as(os) participantes a se tornarem exemplos positivos para outras pessoas LGBT e ampliarem suas redes de apoio, mostrando que é possível reconhecer seus talentos e potencialidades, um dos objetivos centrais da Micro Rainbow International.

6 Diferentemente do MEI, o Simples Nacional é um regime tributário que possibilita micro e pequenas empresas bem-sucedidas a terem um faturamento anual maior que R$ 60.000 e contratação de funcionários, entre outras vantagens.

PINK AT WORK

A ***PINK AT WORK*** é uma plataforma online de produtos e serviços oferecidos por empreendedoras(es) LGBT criada pelos ex-alunos e monitores do curso de empreendedorismo, Isabela Colucci e Isaque Lima. Cientes do poder das redes virtuais para o empoderamento de grupos vulneráveis e inspirados pela participação no projeto, eles falam sobre essa ferramenta inovadora:

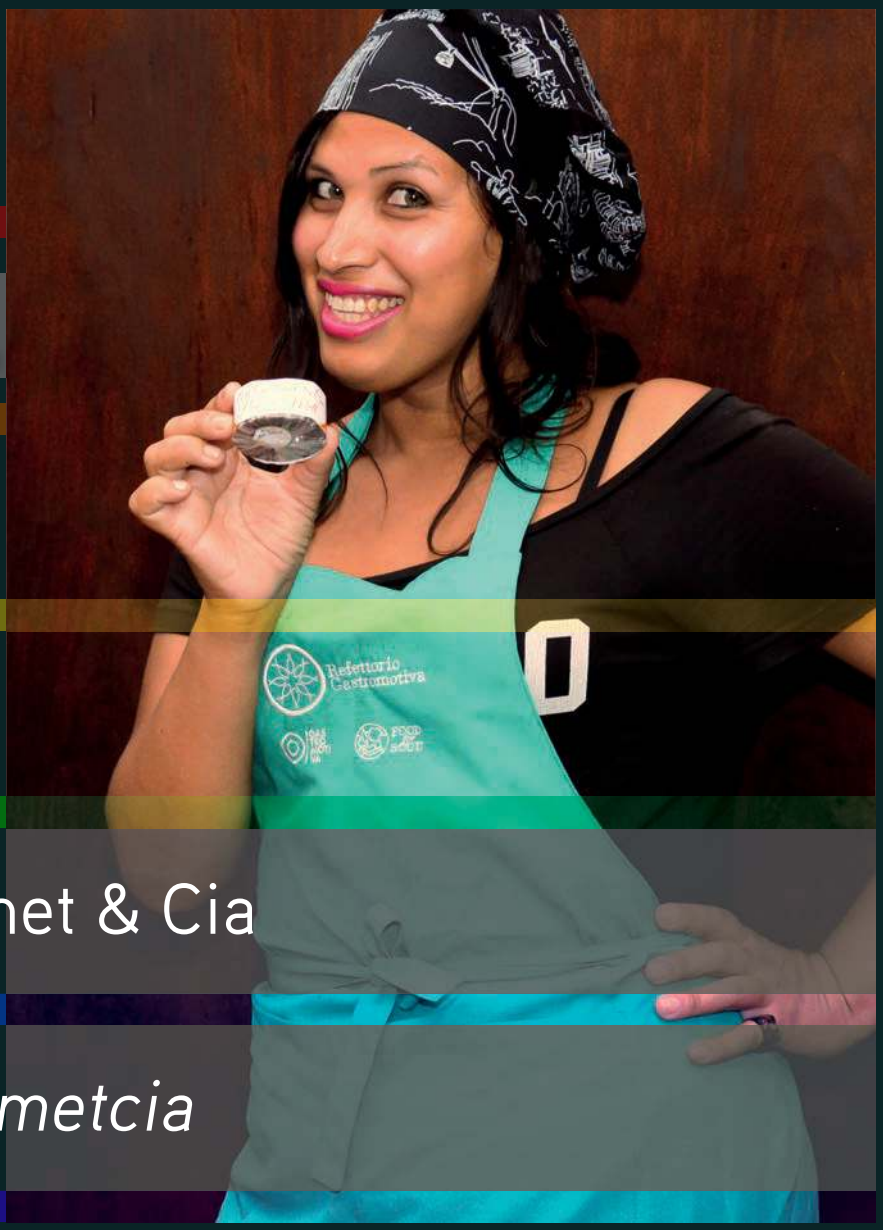
"A *Pink at Work* surgiu após uma roda de conversa na primeira turma de empreendedores onde identificamos que não existia uma plataforma para divulgação de produtos e serviços oferecidos por LGBT. Através de uma plataforma de fácil acesso aos negócios geridos por empreendedores LGBT e com o recurso de avaliação dos clientes, pensamos em fortalecer e dar visibilidade aos empreendimentos para que eles pudessem se expandir num segundo momento. A comunidade LGBT é uma forte consumidora e poderia direcionar esse consumo para fomento dos próprios negócios, fazendo o dinheiro circular na comunidade, empoderando-nos e criando assim uma rede de serviços e negócios", explica Isaque.

Isa reflete sobre a relevância social e sustentabilidade da iniciativa para inserção de microempreendedores LGBT no mercado:

"A partir do momento que a gente incentiva a produção individual e, no caso, do público LGBT em especial, a gente divide melhor a renda, cria condições iguais, dando as possibilidades a cada um de desenvolver suas potencialidades. O caminho de consumir do pequeno é o caminho mais sustentável para a nossa sociedade como um todo. Eu acho que está sendo muito enriquecedor para mim ter essa visão de que o empreendedor tem condições de disputar esse mercado. Mesmo que se pague um pouquinho mais caro às vezes, não é só o preço que faz um produto ou um serviço."

Para conhecer a plataforma e se cadastrar, acesse *www.pinkatwork.com.br*

MELL



35 anos

Art Gourmet & Cia

artgourmetcia

DESDE CRIANÇA, MELL ADORAVA OBSERVAR E AJUDAR A MÃE e a tia a preparar a comida. Fazer confeitos e doces era uma de suas brincadeiras prediletas numa cozinha que transbordava afeto. Muitos anos depois, Mell conheceu a alta gastronomia em restaurantes e bistrôs da Europa. Nessa época, a mãe e a tia já não estavam mais fisicamente presentes, mas o desejo que tinham plantado em seu coração pulsava vendo aqueles pratos deliciosos e tão finamente decorados. Ela começou a buscar oportunidades de trabalho nesses restaurantes, "nem que fosse para lavar o chão", tal era sua vontade de passar seus dias naquele ambiente repleto de aromas e sabores. Foram muitas negativas, mas Mell não perdeu a esperança. A esperança de sair das ruas, romper o estigma e se tornar uma *chef* trans.

UM PASSO DE CADA VEZ

Naquela época, Mell andava muito triste e cansada e temia pela sua saúde, pois seu corpo já dava indícios de fragilidade pulmonar ocasionada pelo trabalho nas madrugadas geladas a céu aberto. Além disso, ela nunca gostou de ser profissional do sexo por considerar o ambiente competitivo em relação à estética e à clientela e, principalmente, pelo comportamento abusivo dos clientes. Segundo ela: "*Na pista umas ganhavam mais, outras menos, mas todas passavam pela mesma situação de discriminação, de violência, de preconceitos e sofrimento*".

Quando conseguiu fazer sua cirurgia de redesignação sexual na Tailândia, em 2007, Mell acreditou que, superada essa etapa de seu processo de transição, poderia, enfim, voltar ao Brasil e conseguir outros tipos de trabalho. Porém, esse percurso não foi linear como imaginava e, ao retornar ao país, Mell sentiu o peso da transfobia e teve novamente que encarar as ruas para se sustentar. Ela percebeu que precisava de uma formação para conseguir outro tipo de trabalho, mas não enxergava uma saída:

"Um dia eu chorei tanto na pista e falei: 'eu tenho que me qualificar pra sair dessa'. Mas eu não queria fazer algo óbvio, tipo ser cabelereira. Eu queria fazer algo diferente. Então eu pensei em algo que eu levava jeito, que era a cozinha. E foi o que me salvou".

Já no limite da exaustão e desespero, a primeira oportunidade despontou no horizonte: uma bolsa de estudos para um curso de confeitaria no Senac.

PÃES DE MELL

Com essa formação, Mell criou sua própria receita de pão de mel e passou a vender o produto como uma forma de incrementar sua renda. O pão de mel já era um sucesso, mas ela queria continuar estudando e ganhar experiência na cozinha de grandes restaurantes. Foi aí que ela conheceu o projeto Micro Rainbow Brasil e foi encaminhada para o curso profissionalizante de cozinha da Gastromotiva, ONG parceira do projeto, em fevereiro de 2016, aprimorando ainda mais suas técnicas e conhecimentos em culinária. Mell continuou investindo na venda de pães de mel, mas ainda lhe faltava segurança e preparação para ampliar seu empreendimento, que gerava pouca renda. Além disso, mesmo melhorando muito sua formação, ela continuava enfrentando a barreira mais perversa de inclusão trans no Brasil: o acesso ao mercado de trabalho formal.

Diante desse desafio, Mell resolveu apostar no desenvolvimento de sua marca, a *Art Gourmet & Cia* e ingressou na segunda turma do curso de empreendedorismo da Micro Rainbow Brasil, em maio de 2016. A formação trouxe noções de marketing, precificação, planejamento, definição de público-alvo e outras ferramentas indis-

pensáveis para a elaboração do plano de negócios e estruturação do empreendimento. Com o curso, Mell ganhou também a segurança que faltava para se lançar como empreendedora, dando um sentido prático aos conhecimentos adquiridos na Gastromotiva e investindo de forma mais estratégica em inovação, apresentação dos produtos e nichos de mercado.

Ainda finalizando o curso de empreendedorismo, Mell agarrou outra oportunidade do projeto Micro Rainbow Brasil: ingressar em uma capacitação para vagas de trabalho nos Jogos Olímpicos, oferecida pela ONG Rede Cidadã, outra grande parceira do projeto. Era o ingrediente que faltava para sua receita. Depois da capacitação, Mell foi selecionada para compor a equipe do restaurante olímpico Sapore e viu suas metas e sonhos, outrora tão longínquos, sendo realizados um a um. Trabalhar na cozinha internacional de um grande restaurante, ter sua primeira experiência de trabalho com carteira assinada e todos os direitos trabalhistas garantidos e o mais importante: ter seu nome social e pronomes respeitados em um ambiente que reconhecia o seu profissionalismo e competência. Assim, Mell foi rapidamente promovida e teve seu contrato renovado para o período das Paralimpíadas:

"Amei trabalhar nas Olimpíadas. Aprendi muito, fiz contatos no mundo inteiro, ganhei muitas oportunidades de trabalho. Foi uma experiência única na minha vida".

"O PROJETO QUE MAIS FEZ ACONTECER NA MINHA VIDA"

Mell já participou de outras iniciativas de inclusão LGBT e acredita na força das ações afirmativas para corrigir as desigualdades históricas que afetam a comunidade LGBT. Ela tem aproveitado sem medo todas as oportunidades que lhe são dadas, uma vez que tantas outras lhe são tiradas por ser uma mulher trans. Nesse sentido, ela avalia que o projeto Micro Rainbow Brasil foi o que trouxe resultados mais concretos em sua vida, pois sua participação em ações tanto do eixo de empregabilidade como de empreendedorismo permitiu a construção de uma trajetória profissional mais sólida, além de melhorias de renda e autoestima:

"Todos os cursos que impulsionaram a minha vida, que fizeram com que eu alavancasse e criasse caminhos para eu ter uma saída do buraco onde em me encontrava vieram daqui. Foi assim, a resposta que eu precisava, o projeto que mais fez acontecer na minha vida".

Pouco mais de um ano após sua entrada no projeto ela faz um balanço desses impactos, reportando que o curso da Gastromotiva conferiu qualificação técnica e segurança para investir na área desejada e o curso de empreendedorismo trouxe toda a base necessária para consolidar e expandir seu negócio. Já no trabalho no restaurante olímpico, mediado pela Rede Cidadã, ela ganhou experiência, ampliou sua rede profissional e seu repertó-

rio gastronômico, conhecendo *chefs* e a culinária do mundo inteiro. Além disso, adquiriu uma experiência formal de trabalho em seu currículo e um lastro financeiro que lhe permitiu fazer uma poupança para reinvestir em materiais e equipamentos para a *Art Gourmet & Cia*. Mas o mais marcante nisso tudo foi ter se sentido acolhida e respeitada em sua identidade trans em todos esses ambientes, condição *sine qua non* para concluir as etapas que a levaram onde chegou.

Atualmente Mell está desenvolvendo um novo projeto chamado "Gastromania, Sabores do Mundo"[7] um canal no Youtube onde ela dá dicas de gastronomia, restaurantes, explora culinárias típicas regionais e revela os segredos das "receitas de família". Como *youtuber* seu objetivo é fazer viagens gastronômicas para inspirar o público a diversificar suas mesas e até complementar a renda com receitas práticas, sempre com muito carisma e bom humor.

7 Conheça mais sobre seu canal: *www.youtu.be/38isjeKhqEM*

Mesmo com todos esses avanços, Mell admite que nem tudo flui na mesma sincronia e ela ainda sofre com o processo de mudança de seu nome de registro, que tramita há anos na justiça, o que tem sido fonte de constrangimentos e manifestações de transfobia e o maior empecilho para seu acesso ao mercado de trabalho. Seu processo de empoderamento e autonomia financeira também exerceram papel fundamental no enfrentamento da violência doméstica, condição ainda presente em sua vida.

Apesar de todas as dificuldades, ela não tem dúvidas de que o saldo é muito positivo e a clareza de que, reconhecidos os apoios, tudo só foi possível graças à sua própria determinação de enfrentar o conservadorismo e não se conformar com os lugares e ocupações tipicamente atribuídos às mulheres trans na sociedade. E segue sonhando com a graduação em Gastronomia, que lhe possibilitará ser uma *chef* e professora universitária trans. Alguém duvida? ■

Alunos da segunda turma do curso de empreendedorismo

ALINE

41 anos

Cozinheira

ALINE DESCOBRIU SUA PAIXÃO PELA COZINHA AOS 11 ANOS de idade, quando começou a cozinhar sozinha para sua família. Na adolescência ela trabalhou em um buffet infantil e, mesmo durante os 16 anos em que foi empregada como auxiliar administrativa em uma oficina mecânica, mantinha em paralelo uma barraquinha onde vendia sanduíches e sucos nas horas vagas. Embora Aline tenha se formado em estética, ela se viu obrigada a mudar o rumo de sua profissão após uma tendinite, o que a encorajou a embarcar de vez no ramo da culinária. Assim, ela e sua ex-companheira abriram, em 2015, uma empresa de confeitaria, a *Amor em doces*.

REMANDO CONTRA A MARÉ

Mãe de dois filhos, Aline começou a se envolver com mulheres somente aos 35 anos. Vários amigos se afastaram dela quando descobriram sua nova orientação afetiva, o que a levou a refazer completamente seu ciclo de amizades. Ela sempre preferiu manter seus relacionamentos com outras mulheres na esfera privada, não somente por receio de ser rejeitada pela família, mas também por medo de sofrer e expor seus filhos à discriminação homofóbica.

Aline já sofreu muito assédio masculino, desde quando se percebia como heterossexual. Após começar a viver relacionamentos homoafetivos ela não apenas continuou sendo vítima do machismo, como enfrentou situações ainda mais agressivas e hostis ao revelar sua orientação sexual a outros homens heteros. Aline chegou a sofrer ameaça de violência física quando, acompanhada de sua namorada, rejeitou a cantada de um homem numa boate. Ela conta que nunca se sentiu à vontade para se encaixar nos padrões heteronormativos impostos pela sociedade e, portanto, o machismo e a homofobia são desafios constantes em sua vida pessoal e profissional:

"A gente rema realmente contra a maré, né, porque a sociedade acha que você tem que ser assim, mas você não é assim. Você não se encaixa naquele padrão do que a sociedade impõe pra você, de o que é ideal, o que é perfeito, o que tem que ser seguido. E quando você é contra isso, realmente tudo fica mais difícil".

Nos seus últimos empregos, algumas relações com colegas de trabalho foram comprometidas após ela ter se revelado lésbica. Um cozinheiro não quis mais trabalhar nos mesmos turnos que ela e um outro colega chegou a assediá-la sexualmente. Hoje, por medo de sofrer preconceitos, ela prefere não expor mais sua sexualidade nos locais de trabalho e sente que precisa se esforçar mais que os colegas homens e heterossexuais para ser reconhecida profissionalmente: *"a gente tem que tá sempre provando que é capaz de exercer a profissão, independente da pessoa com que estamos nos relacionando. Parece que quando você se expõe, você passa para as pessoas que você é incompetente"*, ela pondera, com pesar.

ABRINDO "TODOS OS LEQUES"

Em setembro de 2015, Aline e sua ex-companheira se inscreveram no primeiro curso de empreendedorismo do projeto Micro Rainbow Brasil, com o objetivo de melhorar a gestão da *Amor em doces*. Ela conta que o curso foi instrumental para que elas adequassem a precificação dos seus produtos e aprendessem a administrar não somente o orçamento da empresa, mas também suas despesas pessoais.

Aline conseguiu se organizar financeiramente após o curso e aprendeu a planejar seus gastos de forma mais eficiente. Atualmente, ela consegue investir mais em atividades de lazer, em viagens e tem condições de ajudar sua mãe com as despesas domésticas. Aline revela que sua qualidade

de vida melhorou bastante com os aprendizados em educação financeira obtidos durante sua participação no projeto. Ela até conseguiu fazer uma poupança que a possibilitou investir em tempo integral na sua formação em gastronomia posteriormente.

Outro grande aprendizado foi a própria convivência com outras pessoas LGBT durante o projeto. Aline admite que antes do curso não tinha muito contato com pessoas trans e, portanto, aprendeu muito com as(os) colegas de classe a respeitar as diferentes identidades e expressões de gênero, subvertendo alguns preconceitos que ainda tinha. Hoje ela consegue se colocar mais no lugar do outro, ser mais solidária e empática com travestis e transexuais e desenvolveu muita sororidade com as lutas e experiências das mulheres de forma geral, sejam elas trans ou cisgêneras. Para Aline:

"Conviver com os alunos foi muito enriquecedor, esclarecedor, engrandecedor! Me fez despedir de todos os preconceitos e ignorâncias que eu tinha... abriu todos os meus leques!".

DO EMPREENDEDORISMO À EMPREGABILIDADE

Infelizmente, Aline não conseguiu levar seu negócio adiante. Três meses após o curso, ela teve que parar de fazer seus bolos e doces, pois ela e sua ex-namorada tiveram que se mudar para um pequeno conjugado que não tinha infraestrutura para preparar seus produtos. Logo em seguida, as duas terminaram seu relacionamento e desfizeram a sociedade. Aline foi morar com o irmão e a mãe após a separação e, com pesar, resolveu abdicar da sua atividade empreendedora. Sem perder o ânimo, ela então procurou o projeto Micro Rainbow Brasil novamente para ajudá-la a encontrar oportunidades de trabalho no setor da culinária.

Em junho de 2016, a equipe do projeto a encaminhou para uma capacitação profissional oferecida pela ONG parceira Rede Cidadã, com vistas a selecionar pessoas LGBT para vagas de trabalho temporário durante os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (ver quadro na página 38) . Aline acabou sendo contratada em regime CLT para trabalhar no restaurante olímpico. Para ela, esta foi uma das experiências mais marcantes na sua carreira, pois teve contato diário com profissionais de diferentes países e culturas e a oportunidade de trabalhar, pela primeira vez, em uma cozinha industrial, algo completamente diferente de seus outros empregos. Ela resume com muito orgulho e entusiasmo seu período no restaurante olímpico:

"Trabalhei no maior restaurante do mundo durante três meses. Quem é que tem esta experiência no currículo? Eu servi 20.500 refeições por dia, você acredita? Hoje, cozinhar para 200 pessoas não é nada pra mim. São coisas que você tem que viver pra aprender".

O trabalho nas Olimpíadas foi tão impactante na vida de Aline que ela decidiu imediatamente fazer um curso de gastronomia

para melhorar, ainda mais, suas competências na cozinha e aumentar suas chances de obter um emprego formal nesta área. Com o auxílio da Micro Rainbow International, Aline foi selecionada para uma vaga no curso da Gastromotiva, outra ONG parceira do projeto. Durante os três meses de duração do curso, ela desenvolveu habilidades para trabalhar em setores que jamais havia tido contato antes, como a cozinha europeia e a panificação. Além disso, ela pôde tomar maior consciência do "poder transformador da cozinha". Através das aulas de cidadania e culinária, Aline aprendeu sobre o reaproveitamento total dos alimentos e como evitar o desperdício, conhecimentos que, na sua visão, são extremamente importantes para quem trabalha nessa área.

Após terminar o curso da Gastromotiva não demorou muito para Aline conseguir emprego. No final de 2016, ela foi indicada por um ex-chefe do restaurante olímpico para vagas no setor hoteleiro. Atualmente ela trabalha como cozinheira responsável pelo refeitório de um hotel renomado no Rio de Janeiro: "*Eu trabalho numa cozinha onde os cozinheiros têm de 10 a 25 anos de experiência, alguns sem nenhuma formação. Com tudo que aprendi na Gastromotiva e nas Olimpíadas, me sinto mais capacitada para ajudá-los e dar dicas*", afirma Aline, que também revela que alguns cozinheiros mais antigos ainda oferecem resistência aos seus ensinamentos. Ela acredita que sofre alguns preconceitos por ser uma mulher lésbica trabalhando numa cozinha majoritariamente masculina e por ser nova no setor hoteleiro, embora tenha mais de 25 anos de experiência na cozinha.

"COZINHAR É UMA FORMA DE AMAR"

Aline, no entanto, não se sente desanimada por estas adversidades. Através da sua participação no projeto Micro Rainbow Brasil, ela conta que aprendeu a ser mais compreensiva e paciente para trabalhar em grupos e ambientes com muita diversidade, bem como para delegar funções. Agora ela consegue lidar melhor com as limitações dos colegas de trabalho e está determinada a alçar experiências de trabalho no exterior.

Ela avalia que a profissão de cozinheira não é muito valorizada no Brasil e, portanto, pretende trabalhar em outros países, conhecer outras culturas e adquirir habilidades em outros tipos de culinária no futuro. Tudo o que ela deseja é diversificar ainda mais seus conhecimentos no ramo e ser reconhecida como uma boa cozinheira, afinal, o prazer pela cozinha sempre permeou sua vida: "*Pra mim, cozinhar é uma forma de amar, de dar um carinho, um conforto*", conclui Aline, emocionada ao refletir sobre suas conquistas profissionais.

O caso de Aline é um exemplo de determinação e superação. Uma prova de que é possível que pessoas LGBT realizem suas aspirações e sejam reconhecidas pelos seus talentos e habilidades. Aline entrou no projeto Micro Rainbow Brasil na busca de se tornar uma melhor empreendedora, mas desafios no âmbito pessoal a fizeram mudar de planos e buscar emprego formal. Com o auxílio do projeto, ela adquiriu experiência de trabalho como co-

zinheira num restaurante internacional durante os Jogos Olímpicos e conseguiu concluir um tão almejado curso profissionalizante de cozinha. Aline é uma guerreira que venceu várias barreiras na busca de sua realização profissional, algo tão sonhado por muitas outras pessoas LGBT deste país que apenas querem – e merecem - ser reconhecidas pelo seu trabalho, a despeito de suas orientações sexuais e identidades de gênero.

"Eu fiz esta tatuagem como uma forma de agradecimento. Tem coisas que não é possível expressar falando... Assim como a cozinha é uma forma de carinho, a tatuagem pra mim foi uma forma de colocar na pele o que carrego no coração, na alma. A Micro Rainbow Brasil mudou a minha vida de uma forma que não sei explicar e a tatuagem representa minha gratidão, minha consideração pela equipe que tanto me ajudou, e meu orgulho por fazer parte deste projeto tão lindo". ■

DIVERSIDADE LGBT NAS OLIMPÍADAS DO RIO

Na abertura dos Jogos Olímpicos de 2016, a seleção brasileira foi conduzida por uma modelo trans, marcando simbolicamente o que viria a ser um dos maiores motes de inclusão do evento: a diversidade sexual e de gênero. A MRI fez parte dessa história. Em junho de 2016, **16 participantes** do projeto Micro Rainbow Brasil fizeram uma **capacitação dirigida para vagas de trabalho** nas Olímpiadas do Rio, oferecida pela ONG parceira **Rede Cidadã**.

Depois da capacitação as(os) candidatos foram encaminhados a recrutadores do evento e **seis foram selecionadas(os) para vagas no restaurante olímpico**. Para alguns deles foi a primeira experiência de trabalho formal com todas as garantias previstas. Nomes sociais e pronomes correspondentes foram devidamente respeitados no caso das pessoas trans, com sanções previstas em contrato para manifestações de homo e transfobia. Tudo isso contribuiu para criar um ambiente de trabalho justo e acolhedor onde o profissionalismo e desempenho puderam aflorar, rendendo até renovação de contrato para o período das Paralimpíadas.

Além destas(es) seis, outra empreendedora formada no curso de empreendedorismo oferecido pelo projeto também foi contratada como maquiadora nos Jogos Olímpicos, reforçando a **visibilidade trans** no evento.

RENAN

34 anos

Designer gráfico

www.rocrenan.carbonmade.com

RENAN ESTÁ SE FORMANDO EM DESIGN GRÁFICO E ATUA como *freelancer* na área. No início de sua carreira, ele trabalhou em empresas tanto no Rio de Janeiro quanto em Belo Horizonte, sua cidade natal. Com muita resistência e sabedoria, Renan tem mobilizado diferentes estratégias para enfrentar o racismo e a homofobia na busca por autonomia e satisfação profissional.

LUTA CONTRA O PRECONCEITO

Renan é negro e homossexual e percebe que isso o torna vulnerável a uma interseção complexa de preconceitos. Ele já sofreu provocações de cunho homofóbico no ambiente de trabalho, mas embora seja bem prudente, se impôs de forma assertiva e mostrou que não retrocederia. E não só por ele. Já foi preciso interceder por uma amiga trans para quem foi vetado o uso do banheiro feminino. Renan não hesitou em defendê-la, apesar do risco de ser repreendido.

Na experiência profissional de Renan, o preconceito racial se sobrepõe à homofobia. Ele já sofreu diversos casos de racismo ao se candidatar a vagas de estágio. O mercado de trabalho na área de design gráfico não facilita a entrada de profissionais negros e os principais postos estão alocados nas regiões mais nobres da cidade, que têm o predomínio de pessoas brancas. Já no seu bairro, a discriminação por orientação sexual se apresenta com maior recorrência. Renan mora com o companheiro e eles são vítimas de assédio verbal de alguns vizinhos, mas, com tenência e seriedade, ele se impõe e evita problemas mais graves. O maior risco é que eles sofram algum tipo de violência dos traficantes do bairro, que são amigos dos vizinhos homofóbicos.

Infelizmente, a realidade que Renan vive é comum a muitas pessoas LGBT negras e de baixa renda. Nos locais periféricos, onde os marcadores sociais de raça e classe os colocam em uma posição de igualdade em relação aos outros moradores, a homofobia os expõe a preconceitos e discriminação. Essa falta de acolhimento é extremamente impactante na autoestima de Renan, mas, com muita força e determinação, ele não desiste de conquistar sua autonomia e liberdade.

MELHORANDO A RENDA COM O EMPREENDEDORISMO

A melhoria na renda é considerada por Renan um fator fundamental para o aumento de sua autoestima. Por isso, ele procura continuamente aperfeiçoar sua qualificação técnica. Além da faculdade, Renan tem feito vários cursos online para aprimorar habilidades na sua área. No intuito de melhorar seus rendimentos como *freelancer*, Renan decidiu se inscrever, em setembro de 2016, na terceira turma do curso de empreendedorismo do projeto Micro Rainbow Brasil.

Com os ensinamentos que obteve no curso, Renan verificou que um dos principais entraves para o crescimento do seu negócio era a precificação incorreta. Ele cobrava valores muito baixos que não condiziam com o valor de seu trabalho, um problema recorrente entre nossos alunos, especialmente para quem trabalha com serviços. Deste modo, Renan recalculou o preço dos seus serviços e passou a lucrar mais, usando seus cálculos de custo e precificação para justificar o aumento repassado aos clientes. Ele afirma, com alegria:

"Com tudo que aprendi no curso, fiz a planilha e revisei a precificação dos meus serviços e vi que estava cobrando muito menos. Então passei a cobrar três vezes mais do que antes e o cliente aceitou".

EMPREENDEDORISMO VERSUS EMPREGO FORMAL

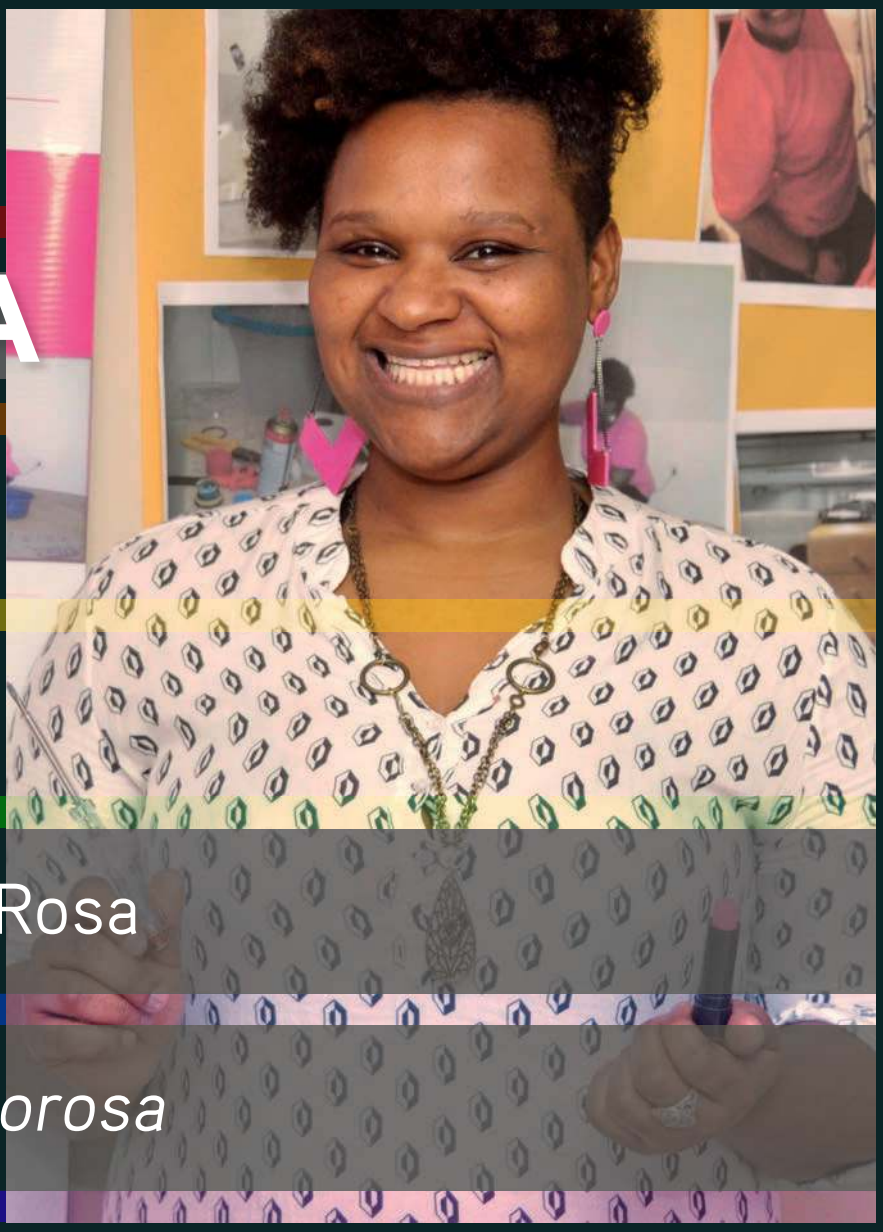
Renan tem planos futuros para empreender, mas no momento atual ele busca emprego formal na sua área. Para montar o negócio que deseja, ele precisa de recursos financeiros que ainda não possui e acredita que, por ora, um emprego formal lhe trará maior segurança econômica. Além de ajudar seu companheiro nos afazeres domésticos, os estudos ocupam muito o seu cotidiano e sobra pouco tempo para se dedicar a outros projetos de vida, como implementar a própria empresa.

A preferência de Renan pelo mercado formal de trabalho reflete a realidade de milhares de brasileiros e revela um dos limites do empreendedorismo. Não são todos os profissionais com aptidão para empreender e, mesmo entre os que têm, alguns preferem um emprego fixo como alternativa de trabalho no início da carreira para obter experiência e estabilidade financeira, como é o caso de Renan.

Embora exista uma ideia difundida de que o empreendedorismo se configura como uma saída para o desemprego, é importante frisar que a autonomia nem sempre é uma resposta obrigatória. Um grande número de negócios recém-criados no Brasil fecha nos primeiros dois anos de vida e a falta de planejamento é um dos principais problemas identificados.

Renan fez o curso para planejar melhor sua atividade empreendedora e nesse processo percebeu que falta capital para implementar, no curto prazo, seu plano de negócios. Por isso, fez uma escolha consciente de não empreender da forma que gostaria num primeiro momento. Ele continua empreendendo como freelancer, mas almeja um emprego que lhe permita se organizar financeiramente e guardar uma quantia para investir em sua empresa a longo prazo. Sua opção pelo mercado de trabalho formal é, pois, uma escolha consciente e planejada, que respeita suas necessidades e limitações atuais. ■

GEISA



34 anos

Concreto Rosa

concretorosa

GEISA É UMA MULHER NEGRA, LÉSBICA E DE ORIGEM SOCIAL humilde. Após ter passado por várias dificuldades financeiras ao longo de sua vida, ela fundou, em 2015, a *Concreto Rosa*, uma empresa de reforma e construção civil que visa inserir mão de obra feminina em um mercado dominado por homens.

ENFRENTANDO O MACHISMO NO MERCADO DE CONSTRUÇÃO CIVIL

Desde que iniciou seu empreendimento, Geisa enfrenta constantemente situações de machismo por parte de clientes e funcionários de lojas de materiais de construção. Ela relata que, sempre que sai à compra de equipamentos, os atendentes, majoritariamente do sexo masculino, ficam impressionados com o seu conhecimento acerca de materiais hidráulicos e chegam a duvidar de suas habilidades e capacidade de exercer este trabalho. Recentemente, depois de muito se impor perante seus fornecedores e enfrentar comentários machistas, ela começou a ser reconhecida positivamente e até receber elogios:

"Na verdade, eu percebo muito esse olhar do tipo 'você, mulher preta, né, mexendo em coisas que sempre tem um macho alfa pra resolver'. Eu percebo um olhar de desdém e de muita curiosidade dos clientes, muitos ficam com dúvidas se sou capaz de consertar as coisas. [...] Para eles é muitas vezes desconfortável ter uma mulher pintando o apartamento, entrando na sua casa, transitando por aquele espaço".

A *Concreto Rosa* está rompendo com o machismo estrutural que permeia o mercado de construção civil e conquistando um crescente número de clientes mulheres, independente da orientação sexual. Geisa revela que muitos casais de lésbicas e mulheres heterossexuais solteiras a procuram porque não se sentem seguras com homens trabalhando em suas casas. As demandas de trabalho aumentaram bastante com sua participação em redes de indicações de serviços voltados para mulheres, como o "Indique uma mina" ou "Indique uma preta". Ela também faz parte de um grupo de mulheres que trabalham com obras no Brasil e discutem estratégias para lidar com reações machistas dos clientes e dos maridos de suas clientes mulheres.

Geisa considera ainda que a maior parte das discriminações sofridas são de cunho racial, pois nem todos os clientes sabem que ela é lésbica. Ela conta que alguns serviços já foram recusados após revelar a sua sexualidade aos clientes, principalmente idosos e, portanto, hoje ela prefere ser mais discreta e não expor a sua vida pessoal durante a prestação de serviços. Entretanto, na sua empresa, ser lésbica é uma grande vantagem, já que a maioria das colegas de trabalho que ela emprega pertencem à comunidade LGBT. Atualmente, ela contratou duas lésbicas que tiveram muitas dificuldades de encontrar emprego anteriormente por se vestirem de forma masculina.

"EMPENHADA NUM PROPÓSITO"

Em 2016, Geisa se inscreveu para a segunda turma do curso de empreendedorismo do projeto Micro Rainbow Brasil. Ela acredita que o curso teve impactos positivos na gestão do seu negócio e na sua situação financeira. Escrever um

plano de negócios ajudou bastante a administrar melhor a *Concreto Rosa*, como entender o seu nicho de mercado e, principalmente, como dar preços mais justos aos serviços prestados. Geisa conta que, antes de fazer o curso, não conseguia ter lucro, pois não sabia determinar o preço adequado para seus serviços e acabava cobrando um valor muito baixo. Além disso, hoje ela consegue planejar melhor seus serviços e, assim, atender um número maior de clientes. Ela pondera:

"O curso foi um pontapé inicial, sabe, eu cheguei muito cheia de ideias e com muita vontade, mas não sabia por onde começar, não sabia o que tinha no estoque, o valor exato que devo cobrar, e que tenho que incluir o meu deslocamento, minha alimentação, todas essas coisas".

Como resultado, ela conseguiu aumentar sua renda e alugar um apartamento só para ela e seu filho, e também pôde adquirir mais móveis, eletrodomésticos, e investir mais na saúde e educação dele. A melhoria de sua situação financeira também influenciou na relação com a família, principalmente com a irmã, que é evangélica e a ajuda a criar seu filho. Ela sente que conseguiu se impor mais no círculo familiar e sua irmã reduziu as piadas e "pregações religiosas" dirigidas à sua orientação sexual. Geisa explica:

"Ela vê que estou trabalhando, empenhada num propósito, tá entrando dinheiro, tô contribuindo mais pro meu filho, levando ele pra viajar, pagando aula de bateria. Isso contribui, a aceitação fica melhor, sim, no círculo familiar, eles sabem que sou lésbica mesmo e que não vou mudar. Essa sou eu, essa é minha natureza... [eles] acabam aceitando e não falam nada".

O aumento da sua renda também teve um impacto na sua segurança pessoal. Geisa se sente menos exposta à violência nas ruas, pois consegue voltar para casa de forma mais segura, já que agora tem condições de pagar por um serviço de táxi quando necessário: "*Percebi isso há muito pouco tempo, de poder estar de madrugada na rua, sair do lugar onde me sinto insegura e não ficar tendo que esperar o transporte público. Passei a perceber que uma das vantagens de ficar financeiramente melhor é poder arcar com estas despesas... eu e minha namorada não arriscamos mais.*"

EXPANDINDO A CONCRETO ROSA

Segundo Geisa, o curso da Micro Rainbow International não só lhe conferiu mais habilidades para gerenciar a *Concreto Rosa*, mas a instigou a ter várias ideias sobre como alavancar sua empresa. Em primeiro lugar, ela deseja investir mais nas estratégias de marketing, mudando a logomarca e fazendo camisas e outros acessórios de divulgação. Em seguida, ela planeja expandir os serviços prestados, tais como instalação de ar-condicionado e decoração. Por úl-

timo, ela pretende concentrar mais esforços no gerenciamento da empresa, pois hoje, além de chefe, ela também atua na parte operacional. No momento, ela está seguindo uma das mais importantes instruções recebidas no curso: fazer uma poupança para sanar suas dívidas e obter crédito para alcançar os objetivos traçados.

Ademais, com a expansão do empreendimento, Geisa espera aumentar sua equipe e contratar outras pessoas LGBT. Com a participação no projeto Micro Rainbow Brasil, ela não só aumentou sua rede de contatos com outras(os) empreendedoras(es) LGBT, mas também aprendeu a valorizar mais os serviços prestados por elas(eles). Ela inclusive já foi contratada para prestar seus serviços para colegas do curso. Ela conclui sua análise sobre sua participação dizendo:

"Fazer um curso com outras LGBT me ajudou a ver mais o outro, a ter mais empatia, sabe, sem perder minha identidade, sabendo que o outro tem as mesmas dificuldades... Essa troca foi muito enriquecedora, muito mesmo!".

O caso de Geisa é um grande exemplo de sucesso que ilustra como uma mulher de baixa renda, negra e lésbica conseguiu usar o empreendedorismo para melhorar suas condições de vida e, ao mesmo tempo, desafiar um setor de mercado majoritariamente masculino. Com a *Concreto Rosa*, ela superou situações de racismo, machismo e homofobia e provou que a valorização do seu potencial produtivo e de seu trabalho inovador pode romper tanto as barreiras que LGBT encontram no mercado de trabalho quanto a desigualdade de gênero, ainda muito presente no âmbito profissional no Brasil. ■

Geisa expondo a *Concreto Rosa* em sua formatura

ANA

22 anos

Fábrica da Preta

fabricadapreta

DESDE PEQUENA, ANA DIZIA QUE QUERIA SER EMPRESÁRIA. Mesmo sem muitos recursos financeiros, ela teve acesso a uma educação formal de qualidade, estudou em um bom colégio e foi bolsista de um curso de inglês, o que lhe conferiu muito conhecimento da língua. Também com bolsa, ingressou na universidade para cursar Administração. Por um tempo, deixou de lado a vontade de ter um negócio próprio e entrou no mercado formal de trabalho, chegando a trabalhar numa grande empresa. Mais tarde, com seu domínio de inglês, conseguiu emprego num hotel, onde começou a namorar uma colega de trabalho. Ambas eram elogiadas pelo profissionalismo e tinham promessas de continuar na empresa, mas foram demitidas ao mesmo tempo sem qualquer justificativa. Esse episódio nebuloso, com contornos não explícitos de preconceito, acabou sendo um divisor de águas na vida das duas.

A FÁBRICA DA PRETA

Quando assumiu o relacionamento, Ana sofreu muita discriminação em casa e, para viver com liberdade, decidiu morar com a namorada. Depois que perderam o emprego no hotel, elas se viram numa situação financeira muito difícil. Com poucos recursos e sem expectativa de conseguir outro trabalho, elas resolveram aproveitar que a companheira gostava de cozinhar para vender lanches na praia e em feiras. Logo que iniciaram essa atividade, elas participaram da terceira edição da Feira Velcrx em Nova Iguaçu. Lá elas conheceram o projeto Micro Rainbow Brasil, que estava em fase de seleção para a terceira turma do curso de empreendedorismo, iniciada em outubro de 2016. Ana decidiu participar do curso para aprender a parte de gestão do negócio, enquanto a companheira se concentraria em desenvolver seus conhecimentos de culinária para aperfeiçoar os serviços.

Durante o curso, Ana conseguiu estruturar melhor a tão sonhada *Fábrica da Preta*, corrigindo erros que estavam comprometendo seu rendimento imediato, como a precificação equivocada de alguns produtos. Foi essencial separar o capital da empresa dos gastos pessoais, tema ensinado pela professora e reforçado nas monitorias. De fato, esse é um problema recorrente entre nossos alunos em fase inicial de planejamento do próprio negócio. Ela também percebeu que seria mais proveitoso mudar o foco da empresa para eventos de maior porte, com mais possibilidade de aumentar o rendimento. No fim do curso, a *Fábrica da Preta* já tinha fôlego suficiente para realizar o primeiro buffet: o da formatura de sua própria turma de empreendedorismo. Mesmo com uma estrutura ainda incipiente, elas apostaram no desafio de realizar esse grande trabalho, um serviço de buffet completo para 100 pessoas. Daí em diante, elas conseguiram outras oportunidades e se especializaram ainda mais neste nicho de mercado.

Em poucos meses, elas alcançaram excelentes avanços no negócio, conquistando clientes e sendo inclusive apresentadas num programa de TV como exemplo de sucesso empreendedor em meio à crise. Ainda que a maior parte dos lucros esteja sendo revertida para a estruturação da empresa nessa fase inicial, Ana já sente os efeitos positivos do aumento da renda nas finanças pessoais. Isso teve impacto principalmente em seu acesso a cuidados pessoais e ao lazer. A visibilidade conquistada também mudou a percepção de pessoas próximas sobre elas. A discriminação não acabou, mas as pessoas de seus círculos sociais começaram a vê-las como empreendedoras e não só como lésbicas.

"NÃO ESTAMOS SONHANDO SOZINHAS"

Ana afirma que o curso de empreendedorismo e, especialmente, a contratação da *Fábrica da Preta* para o buffet da formatura, deram um grande impulso para o seu negócio, e os ganhos foram mais do que simplesmente financeiros. No início do curso, mesmo encontrando muitas dificuldades para empreender, ela se sentia

estimulada por fazer parte de um projeto de inclusão socioeconômica LGBT e pelas oportunidades e conhecimentos oferecidos aos alunos, o que aumentou sua autoestima e a estimulou a continuar:

"Além da oportunidade de participar do curso, tinha a monitoria sempre presente. Foi importante sentir que realmente vocês se importavam com a gente. E o ápice foi a formatura, quando vimos que vocês não só estavam apoiando, mas apostando na gente. Às vezes precisamos muito de que alguém acredite na gente para vermos que não estamos sonhando sozinhas".

O curso foi a primeira ocasião em que Ana teve contato com LGBT fora do circuito de festas. Ela conheceu pessoas diversas, com outras faixas etárias e sentiu, pela primeira vez, que estava inserida num ambiente de aprendizado completamente acolhedor, que destacava suas habilidades profissionais. Ana também não tinha praticamente nenhum convívio com pessoas trans e o curso permitiu tal aproximação, revelando a difícil realidade desse segmento no mercado de trabalho. Por isso, ela decidiu que, além de contratar exclusivamente pessoas negras, daria preferência à contratação de mulheres e homens trans.

Ana e sua companheira impulsionaram a *Fábrica da Preta* com muita determinação. Em pouco tempo, elas conseguiram ampliar notavelmente seu empreendimento e ainda querem avançar muito mais. Ana conseguiu realizar seu sonho de infância: ser empresária. Daqui pra frente, segundo seus planos, mercado formal de trabalho somente como empregadora. E de um modo muito mais sensível e acolhedor que a empresa que a demitiu. ■

Ana e sua companheira Evelin preparando o buffet para a formatura de sua turma

RUAN

24 anos

Mr. Carrot - Culinária Vegana e Orgânica

mrcarrot.vegan

RUAN É *CHEF* DE COZINHA E PROPRIETÁRIO DA *MR. CARROT* – Culinária Vegana e Orgânica. Sediado em Vila Valqueire, na zona oeste do Rio de Janeiro, é o primeiro delivery vegano do subúrbio da cidade. Ruan difunde os sabores e ideais veganos com uma cozinha autoral inspirada em pratos típicos da culinária brasileira, sem produtos de origem animal, com criatividade e um ótimo preço. Ele conheceu o projeto Micro Rainbow Brasil em janeiro de 2016, através de uma chamada no facebook para o curso profissionalizante de cozinha da ONG Gastromotiva, parceira do projeto. Pouco mais de um ano depois desse contato inicial, ele faz um balanço emocionante sobre a transformação que a participação no projeto trouxe para sua vida.

"VOCÊ É LGBT E AMA COZINHAR?"

Quando se deparou com essa frase do anúncio da Micro Rainbow Brasil para a seleção da Gastromotiva, Ruan já amava cozinhar, era vegano convicto e dotado de espírito empreendedor. O que ele ainda não sabia era que participar de um projeto de inclusão LGBT seria o pontapé que faltava para seu negócio deslanchar. Naquele momento, Ruan tinha um serviço de entrega de pratos veganos produzidos na cozinha de sua casa, em Magalhães Bastos, Zona Oeste do Rio, onde mora até hoje com a mãe. Contudo, sua receita ainda era muito baixa e ele precisava aumentar a produção e ganhar mais clientes.

A oportunidade de uma qualificação gratuita e reconhecida na área de gastronomia veio, pois, num momento-chave de sua carreira:

"A Gastromotiva mudou totalmente a questão do profissionalismo. Eu aprendi muito mais coisas, soube explorar outros lados para desenvolver melhor a marca. Tanto que agora deu pra abrir uma cozinha, coisa que não imaginava poder abrir tão cedo".

Além de aprimorar sua confiança como empreendedor, o curso trouxe conteúdos e práticas indispensáveis e para o desenvolvimento da empresa, além da oportunidade de estagiar no *Reffetorio* Gastromotiva, um merecido reconhecimento de seu desempenho como aluno.

Ele revela ainda que o acolhimento especial da comunidade vegana foi fundamental para abrir e persistir no seu negócio, conciliando trabalho e militância em uma vivência mais integrada do veganismo. A confiança e apreço pelo seu trabalho lhe renderam uma rede de clientes que não para de expandir. A adesão ao estilo de vida vegano, que poderia ser uma limitação para sua formação em uma escola de gastronomia tradicional, foi contornada com o respeito e compreensão das(os) professor(as)es e colegas de bancada da Gastromotiva. Apesar de admitir que não foi fácil manipular e experimentar pratos com ingredientes de origem animal nas aulas práticas, ele acredita que esse é um "mal necessário" para formar futuros chefs veganos enquanto não existem escolas veganas de renome no Brasil. Essa persistência lhe rendeu valorosas técnicas aplicáveis à sua cozinha: "*Meus pratos melhoraram muito depois da Gastromotiva e aprendi a otimizar o tempo também. Coisas que eu demorava 14h fazendo eu diminuí pela metade. Eles te ensinam a explorar o seu tempo de forma muito melhor*".

PROTAGONISMO E PERSEVERANÇA

"*Talento é importante, mas acho que a perseverança vale muito mais*". Foi com esse espírito que Ruan triplicou sua faixa de renda em menos de um ano, conquistando a tão sonhada independência financeira, fazendo diversas melhorias na sua casa e abrindo sua cozinha num espaço independente em

Vila Valqueire. Ainda que não almeje um padrão de vida luxuoso, Ruan avalia, com a modéstia que lhe é peculiar, que melhorou de forma significativa seu acesso a bens e serviços nesse período, entre os quais o lazer é um dos mais importantes. Hoje ele tem condições de fazer viagens e frequentar restaurantes, aprimorando suas experiências gastronômicas. Contudo, em função da intensa rotina de trabalho que assumiu atualmente, as restrições de tempo ultrapassam as orçamentárias. De origem humilde, ele se emociona ao relembrar as privações que já viveu e se orgulha de poder contribuir financeiramente para a casa, antes sustentada com muito esforço pela mãe: "*A gente realmente já passou fome... e já teve períodos de: 'poxa, não dá pra comer isso agora'. E isso é algo que não acontece mais. Isso foi uma promessa que eu fiz pra ela há muito tempo e agora eu consigo com muito mais facilidade prover essas coisas*".

Além de ajudar a mãe nas despesas domésticas, ele a incentivou a deixar uma ocupação mal remunerada e em área de risco para trabalhar com ele na *Mr. Carrot*, fazendo o *mise en place* (corte e preparação dos ingredientes) dos pratos do dia. Eles também estão se organizando financeiramente para comprar uma casa própria em outro bairro, o que era impossível há pouquíssimo tempo atrás, pois ele não se sente satisfeito com seu local de moradia. A certa altura da entrevista, Ruan admite que ainda não tinha percebido o quanto sua vida tinha se transformado em um ano, pois pela primeira vez a olhava em retrospectiva:

"A gente quando é minoria precisa fazer muito mais que pessoas que não fazem parte dessa minoria para ser enxergado de outra maneira. Eu, como gay, tenho que estudar muito mais; ela, como negra (em referência a uma ex-gerente), tem que estudar muito mais, e vocês, mulheres, também, pra provar que são gente. E no período de um ano as coisas mudarem a ponto de eu conseguir enxergar, é muito importante".

"UMA ATITUDE MUITO SIMPLES QUE MUDOU A MINHA VIDA"

É assim que Ruan resume o papel do projeto Micro Rainbow Brasil na sua trajetória. Antes de abrir seu próprio negócio, ele trabalhou em ambientes onde, mesmo que a presença LGBT não fosse incomum, ele não se sentia à vontade para assumir sua orientação sexual, além de sofrer com piadas homofóbicas constantemente. Hoje, além da autonomia financeira, ele ganhou a liberdade de ser quem é dentro e fora do trabalho:

"Hoje, depois dessa pequena trajetoriazinha de cozinha, eu consigo um pouco mais de prestígio que um ano atrás. As pessoas da comunidade onde eu moro, por exemplo, conseguem enxergar isso. Elas sabem que eu tenho meu próprio negócio, que eu sustento a minha casa e isso parece que é algo que elas respeitam. Então elas não vão dar um pio sobre o que eu sou desde que eu mostre pra elas do que sou capaz".

Nesse período Ruan também se reaproximou de um vizinho muito especial: seu pai. Depois de três anos sem nenhum contato, ele o encontrou na rua quando voltava das aulas na Gastromotiva e fez um sincero pedido de desculpas pela sua intolerância, dando início a uma nova fase na relação. A emoção substitui as palavras ao lembrar desse episódio.

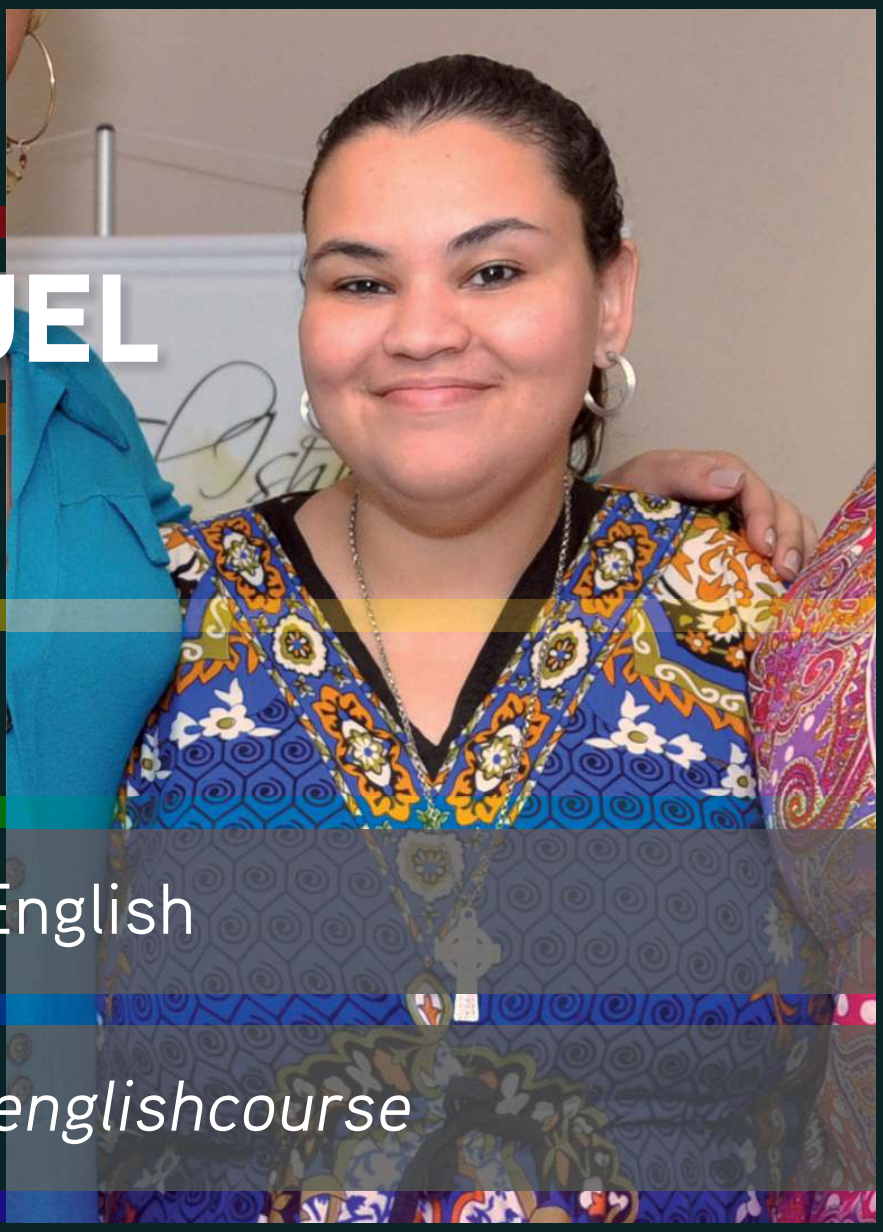
Apesar dos avanços, nem tudo mudou em um ano e ele admite que ser gay ainda é um desafio diário. Ele sofre com a hostilidade da vizinhança e nos espaços públicos, especialmente quando está acompanhado de seu namorado, que adota uma expressão de gênero mais transgressora, o que, nas suas palavras, "é um prato cheio de ódio" para muitas pessoas. A despeito dos percalços, Ruan tem se sentido mais fortalecido para enfrentar e buscar alternativas para não se expor à violência homofóbica e quer que seu exemplo sirva de inspiração:

"Eu sou um chef, vegano, gay e suburbano. Eu quero mostrar pras pessoas que, embora não seja fácil, a gente consegue fazer muito pela comunidade com nossas pequenas contribuições. Isso é protagonismo!".

Neste sentido, Ruan avalia que os ganhos obtidos na sua formação vão além da aquisição de conhecimentos e recursos técnicos para abertura do próprio negócio. Ele admite o orgulho de participar pela primeira vez de um projeto de inclusão LGBT nesse processo de empoderamento pessoal e profissional: *"Isso é importante na formação de quem a gente é também. Porque pra quem tinha vergonha de falar que é gay, poder dizer que é gay e auxiliado por uma ONG que ajuda tanto a comunidade LGBT é uma conquista muito importante. Poder dizer isso é visibilidade"*. E finaliza, com gratidão:

É tão confortante pra mim isso, de saber que existem pessoas como vocês, que trabalham todo dia pra que pessoas como nós consigamos no futuro ter alguma coisa que a gente sequer imaginava (...). Vocês representam uma coisa tão grande pra comunidade LGBT! Se um dia eu fizer um discurso vocês vão estar nesse discurso, porque foi realmente muito importante pra mim. Foi uma atitude muito simples, um encaminhamento, mas que mudou a minha vida".

A emoção embarga a voz, molha as anotações. Nós que agradecemos, Ruan. ■



RAQUEL

31 anos

The Way English

thewayenglishcourse

PARA VIVER PLENAMENTE SUA ORIENTAÇÃO AFETIVA, RAQUEL teve que enfrentar a falta de acolhimento da família e da igreja. Muito religiosos, os pais não aceitaram a filha lésbica. A igreja também não oferecia receptividade. Sem apoio familiar e ainda pouco estruturada profissionalmente, Raquel enfrentou uma situação financeira muito difícil. Inicialmente ela não tinha móveis nem eletrodomésticos básicos, como geladeira, o que tornava seu cotidiano extremamente complicado e não permitia margem para planejamentos. Ela trabalhava dando aulas de inglês, como autônoma, porém de forma pouco organizada, sobrevivendo a cada dia com muita dificuldade. Mas ela não desistiu. Persistiu na liberdade de ser quem é e viver o amor que sentia - e ainda sente - pela companheira.

EM BUSCA DA AUTONOMIA FINANCEIRA

Raquel dava aulas por conta própria, mas a expertise como professora não era suficiente para que ela conseguisse sua autonomia, pois ela não sabia estruturar o próprio negócio tampouco suas despesas pessoais. Faltavam conhecimentos de gestão e educação financeira e, a fim de obtê-los, ela se inscreveu na segunda turma de empreendedorismo do projeto Micro Rainbow Brasil, que iniciou em maio de 2016. A principal expectativa que ela tinha era romper com a fragilidade econômica que a expunha a situações de discriminação e dependência, por ter que recorrer ao apoio de pessoas que criticavam sua vida e se submeter a condições muito difíceis de trabalho.

No decorrer do curso, Raquel aprendeu a administrar sua empresa, a *The Way English*, bem como suas finanças pessoais, absorvendo o máximo possível de conhecimento para montar seu plano de negócios. Uma semana após a formatura ela resolveu encarar o maior desafio: colocar o plano em prática, processo esse que foi muito doloroso em alguns momentos, conforme ela relata:

"Eu só me conscientizei mesmo quando acabou. Agora que está no papel, tem que sair do plano das ideias. E foi doloroso em algumas partes. Saber que seu planejamento está lá e saber que tenho que chegar a tantos alunos, mas como chegar? Então vamos ao marketing... Foi doloroso, mas acrescentou muito pra mim".

O planejamento que ela montou expunha as fragilidades do empreendimento na prática, como a falta de precificação adequada, por exemplo. Mas agora ela não se via mais como alguém que precisava só pagar as contas para ser independente: ela passou a se enxergar como empresária. E percebeu que precisava crescer.

EMPODERAMENTO(S)

Nessa nova trajetória, Raquel já conquistou resultados expressivos na direção de sua autonomia e não se sente mais exposta a situações de violência. Em menos de um ano, sua renda melhorou consideravelmente, o que proporcionou acesso a itens fundamentais como eletrodomésticos, móveis e telefonia. Isso impactou diretamente sua qualidade de vida e ampliou seu horizonte profissional. Mas foi a possibilidade de consumir serviços de lazer que mais fortemente refletiu em sua autoestima. Ir com a companheira ao teatro, ao cinema e viajar foram as maiores realizações destacadas por ela. Depois de tanta luta juntas, elas podem finalmente aproveitar o que conquistaram.

Além da melhoria profissional, Raquel também tem buscado outros espaços de empoderamento, como os grupos de militância LGBT. As novas redes de apoio têm trazido outros questionamentos e, principalmente, uma nova perspectiva de entendimento de seu lugar como lésbica. O preconceito de sua família permanece, mas hoje ela tem um convívio bastante restrito para evitar conflitos. Procurou uma igreja inclusiva, onde se sente inte-

gramente acolhida, e passou a conviver em seu círculo pessoal com pessoas que não a discriminam. Entre seus clientes, ela percebe que há pessoas preconceituosas, mas se impõe com naturalidade, sem precisar esconder sua orientação sexual, e não teve maiores problemas. Os olhares que sempre recebeu em público quando estava com a companheira não são mais motivo de vergonha hoje em dia, e sim, de orgulho. Raquel se apropriou completamente de sua vida e se sente livre para viver seu amor pela companheira.

SOLIDARIEDADE LGBT

Raquel sabe que ainda há um longo caminho a trilhar para a conquista por direitos LGBT. Faltam políticas públicas para a cidadania plena em relação à identidade de gênero e orientação sexual. No mercado de trabalho, profissionais LGBT não têm acesso às mesmas oportunidades, porque muitas pessoas não querem conviver com a diversidade. Justamente por isso, como empresária, Raquel prioriza a contratação de serviços oferecidos por LGBT. E isso se aplicará aos funcionários num futuro bem próximo, adotando o pertencimento à comunidade como critério primordial para contratações. Nos momentos mais difíceis que enfrentou, como quando se viu desamparada pelos pais, foram as amigas e amigos LGBT que a apoiaram, formando com elas(eles) uma nova família. Para Raquel, a manutenção dessa rede de apoio é fundamental para o empoderamento de outras lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Ela conclui:

"Muitos de nós precisamos nos afastar das nossas famílias e nossa família acaba sendo outros LGBT. Encontramos solidariedade entre nós".

A experiência de Raquel nos mostra como a autonomia financeira pode ser muito impactante na qualidade de vida. A falta de acolhimento da família se expressou fortemente na restrição a itens básicos para sua subsistência, pois ela ainda não havia alcançado sua independência. Mas também mostrou que ela não estava sozinha. Raquel encontrou na companheira e em alguns amigos um apoio incondicional e construiu novos laços familiares. Agora, vivendo um novo momento na vida profissional, ela retribui esse apoio com afeto e oportunidades para outras pessoas LGBT. ■

SIMON

51 anos

Ativista

SIMON É ANTROPÓLOGO E ATIVISTA TRANS. NO FINAL DE 2015 ele se formou na primeira turma de empreendedorismo do projeto Micro Rainbow Brasil, experiência que, segundo sua visão como ex-aluno e militante da causa, amplia horizontes e "oxigena a comunidade LGBT", abrindo portas para a autonomia e criação de importantes espaços de autogestão pessoal e econômica.

"É ISSO QUE EU POSSO SER!"

A história de Simon é de uma beleza singular e reveladora. Ela expõe a crueldade do enquadramento de gênero no processo de socialização, tão condicionada por estereótipos, "verdades" científicas e controle dos corpos. Uma sociedade que classifica, enquadra, patologiza e pune, mesmo sem respaldo legal, pessoas que não se expressam de acordo com o gênero que lhes é imputado ao nascer: "*Antes da transição tudo o que eu fazia era errado. Toda a minha expressão era percebida como equivocada. Tudo era condenável (...) Isso é uma mortificação diária, um sofrimento psíquico que torna a vida social totalmente desinteressante*".

Também é uma história da transição como superação das amarras sociais que o tolhiam a qualquer gesto, a todo instante. Simon já era professor universitário e pesquisador quando teve seu primeiro contato com o universo trans em toda a sua riqueza empírica e temática, o que viria rapidamente integralizar sua experiência identitária, profissional e ativista: "*No dia em que eu descobri que existiam pessoas trans eu chorei. Eu pensei: 'gente, é isso! É isso que eu posso ser!'*"

"RUPTURA BIOGRÁFICA"

E assim Simon iniciou seu processo de "ruptura biográfica", termo com o qual ele define a transição. Depois de um período de sete anos de depressão e absoluto isolamento social, ele conversou sobre o assunto com um amigo, que o convidou para uma reunião do Encontro Nacional de Travestis e Transexuais que atuam na Luta contra a AIDS (ENTLAIDS). Lá ele conheceu, pela primeira vez, um homem trans, que o orientou a procurar o Hospital Universitário Pedro Ernesto para se informar sobre o processo transexualizador oferecido pelo SUS. Na época, ele não sabia que existia esse tipo de serviço na saúde pública do Brasil e já se preparava para ir para os Estados Unidos, se fosse necessário. Ele iniciou sua transição imediatamente e, quando obteve o laudo que autoriza a hormonioterapia, trocou suas roupas, mudou seu nome e se reapresentou ao mundo como Simon:

"Eu encontrei a paz depois que fiz a transição. Tem gente que diz: 'a vida do trans é problemática. Pra mim, a vida do trans foi solucionática".

Mesmo com essa percepção otimista e libertadora, Simon reconhece que o mundo que encontrou após a transição era o mesmo que conhecia antes, com seus conservadorismos e limitações típicos. Ele relata as dificuldades enfrentadas para o reconhecimento de sua nova existência em vários níveis, desde ter que ser reapresentado para pessoas próximas até manifestações graves de transfobia: "*As amizades, parentes, vizinhos, todo mundo tem que transacionar também*".

A transição também trouxe a necessidade de se ressocializar no universo masculino e definir que tipo de homem

ele queria ser e percebeu que não sentia necessidade de provar sua masculinidade com comportamentos machistas como demonstração de força física, competitividade sexual, objetificação da mulher, entre outros. Nesse sentido, ele teve experiências difíceis no ambiente de trabalho, por exemplo, onde a revelação de sua condição trans provocava reações bizarras e até violentas. Amigos íntimos que compartilhavam suas fragilidades e segredos com ele se sentiram "traídos" quando descobriram que ele é trans, chegando a ameaçá-lo de agressão física.

ATIVISMO E EMPREENDEDORISMO COMO FORMAS DE RESISTÊNCIA

Mas mesmo as desventuras de sua nova história foram mobilizadas por Simon de forma inteligente e propulsora. Além de sentir na própria pele a pertinência social desse tema, como intelectual ele também percebeu seu incrível potencial investigativo. Assim, resolveu cursar uma pós-graduação em gênero e sexualidade, articulando conhecimento e ativismo como palestrante na área de saúde. Suas palestras abordam principalmente a questão da expressão de gênero, que contempla todo o universo de pessoas que sofrem com uma suposta "inadequação" entre sua condição de gênero e a expressão socialmente atribuída à mesma, inclusive indivíduos cisgêneros, como homens "afeminados" e mulheres mais "masculinizadas":

"Meu corpo é uma ferramenta de expressão da minha cultura, que eu aperfeiçoo, modifico. O uso de técnicas, instrumentos, o uso da linguagem, tudo isso faz parte da natureza humana. Ninguém é dominado por gônadas, isso não determina nossa forma de expressão. A gente é uma química, a gente sofre, a gente ama, a gente tem preferências... a gente tem coisas inexplicáveis! Não dá pra reduzir o ser humano a um conjunto de órgãos e peças como se ele fosse um ser mecânico, um automóvel. A gente é mais do que isso".

Nesse percurso Simon entendeu também que o ambiente de trabalho formal não o contemplava mais. Agora era hora de dar um passo além e empreender, sempre guiado pela sensibilidade à causa trans. Assim, teve a ideia de investir na criação de próteses penianas para homens trans, com o objetivo de trazer mais conforto e qualidade de vida, principalmente para a satisfação de necessidades básicas como o uso do banheiro e vida sexual: "*Como empreendedor o que eu quero fazer é melhorar a vida dos meus pares. Quero trazer bem-estar para essa população porque eu também faço parte dela.*" O uso do banheiro é uma questão particularmente sensível para a população trans de forma geral e muitos homens trans chegam a ficar sem urinar durante todo o expediente de trabalho porque os banheiros masculinos não têm a privacidade adequada, expondo-os a constrangimentos e violência.

Para adquirir as habilidades necessárias para colocar sua ideia em prática, Simon se inscreveu na primeira turma de empreendedorismo do projeto Micro Rainbow Brasil. Seu plano de negócios, elaborado e defendido como etapa final para conclusão do curso, foi fundamental para nortear sua experiência empreendedora. Ele compara esse plano com um pré-projeto de pesquisa acadêmica e se orgulha bastante do seu resultado:

"O plano de negócios amplia seu horizonte, você vai construindo subjetivamente o seu negócio, que dá uma base para você trabalhar depois, te dando noções dos seus limites, possibilidades... te dá um chão. Eu me sinto tendo um negócio porque eu tenho um plano de negócios, ainda que eu dependa de financiamento para dar seguimento. Mas eu já tenho firma, CNPJ, tudo".

Nesse momento ele está investindo em melhorar a modelagem de seu produto e a maior barreira para lançá-lo no mercado tem sido conseguir microcrédito para iniciar a produção e estruturar o negócio. Ele está tentando usar seu FGTS para isso, mas como o benefício está registrado com seu nome de nascimento, ele tem enfrentado grandes dificuldades de resgate. Contudo, isso não o desanima, pois acredita na qualidade e diferencial de seu produto em relação aos similares no mercado nacional e na segurança que o curso lhe trouxe para seguir como empreendedor:

"Esse curso foi importante pra mim porque alinhavou tudo, foi amarrando o que quero fazer, pra quem vou vender, qual a diferença do meu produto. Ajuda a atuar como um empreendedor mesmo, saber da importância de planejar, de ter uma visão completa do negócio. E também você está no meio de pessoas LGBT, você se sente normal, igual, empático... você não vai esperar preconceito de ninguém. Eu acho o máximo, adorei fazer esse curso, mesmo!".

Como ativista, ele acredita na potência do empreendedorismo para a emancipação da comunidade LGBT de condições de trabalho excludentes e exploratórias e destaca o papel do projeto na inclusão socioeconômica desse segmento:

"Precisamos de empreendedores no Brasil. Quem é patrão pode fazer do jeito que for e se você é o seu patrão, você vai poder ser o que você quiser, ninguém vai criar caso com você. Então acho que esse curso é importante por isso, para abrir os olhos das pessoas para a autonomia, para a autogestão financeira e pessoal, para se rever, acreditar em si mesmo, se planejar, produzir alguma coisa".

Simon personifica em sua narrativa essa necessidade de reinvenção de si mesmo, articulando várias frentes de resistência e empoderamento para

subverter, de forma criativa e inovadora, os valores em que se assentam a opressão de gênero em nossa sociedade. Embora ainda não tenha conseguido colocar seu plano de negócios em prática, devido a questões financeiras, ele fez do próprio empreendedorismo uma forma de ativismo e a Micro Rainbow International faz parte dessa trajetória. Bravo! ■

OUTRAS(OS) EMPREENDEDORAS(ES) DO PROJETO MICRO RAINBOW BRASIL

Diego, Mauro, Renato e Henrique (*Grife Darius*)

Adelaide (*Atelier MaclaDê*)

Junior (*Santuário Relicário*)

Lidi e Lariça (*Tijeras*)

Yasmin e Mayara (*Bazar Daya*)

Rômulo (*Na Tábua Pastelaria*)

3. CONCLUSÃO

Os estudos de caso dessa publicação compõem um lugar privilegiado de análise de um projeto social pioneiro na inclusão socioeconômica LGBT no Brasil. Eles permitem enxergar, para além dos objetivos e métodos adotados, o **significado desta inclusão para cada participante entrevistada(o), com suas nuances, limitações e aspectos em comum**. Do ponto de vista metodológico, poderíamos chamar isto de análise qualitativa. Mas é muito mais. As histórias de cada uma das pessoas aqui apresentadas foram cuidadosamente tecidas ao longo de quase três anos de trabalho, criando um ambiente de interlocução singular, onde o respeito, a intimidade e a cooperação mútua extrapolam os limites formais de registro e monitoramento para conformar toda a riqueza biográfica sintetizada nesta publicação. A Micro Rainbow International tem, entre suas premissas, uma máxima: **vidas não são números**. Assim, não nos interessa produzir um volume estatístico de inclusão LGBT sem compreender, qualificar e contextualizar seus efeitos na experiência individual dos atores envolvidos nesse processo.

Os depoimentos coletados indicam as variáveis que incidem sobre a produção e reprodução das vulnerabilidades LGBT, bem como os efeitos da inclusão socioeconômica nas vivências e discursos dos participantes. Em relação ao primeiro aspecto, podemos identificar **como a interseccionalidade entre marcadores sociais como raça, gênero e classe social dialogam com a orientação sexual ou identidade de gênero e produzem distintos efeitos na vida das(os) entrevistadas(os)**. O que significa ser uma mulher negra, lésbica e de baixa renda? Ou um homem trans branco? O que muda nas diferentes existências assumidas por quem faz a transição de gênero em uma sociedade machista, racista e cisnormativa como a nossa? **E, afinal, o que o reposicionamento profissional e econômico implica para cada uma dessas pessoas em termos práticos e simbólicos?**

A diversidade representativa das pessoas escolhidas para a composição da publicação fornece uma resposta empírica às questões levantadas. **Ana e Geisa**, mulheres negras e lésbicas, trazem as genuínas experiências de empreendedorismo da *Fábrica da Preta* e da *Concreto Rosa* como via de afirmação e empoderamento. **Isa e Geisa** se inseriram em mercados tradicionalmente dominados por homens, como a tecnologia da informação e a construção civil, o que evoca, antes de mais nada, os desafios da condição feminina nesses meios. No ramo da culinária, trabalhos como os de **Ruan, Aline e Mell** expõem casos bem-sucedidos de di-

álogo entre ações de empregabilidade e empreendedorismo, com passagens pela qualificação técnica e mercado de trabalho formal. **Raquel e Isaque** trazem relatos contundentes sobre a organização de suas finanças pessoais e empresariais com avanços extraordinários em sua autonomia financeira. **Renan e Simon** nos apresentam uma chave crítica sobre os limites do empreendedorismo a curto prazo. **Simon, Laylah e Mell** compartilham vivências riquíssimas de vulnerabilidade e empoderamento trans em seus diferentes lugares de fala e ativismo, situando o poder de empreender como recurso para romper com os estereótipos e estigmas associados a esta população. **Aline e Renan** se depararam com sérios desafios para implementação dos seus negócios e tiveram que reavaliar seus objetivos, buscando a qualificação técnica e o emprego formal como alternativa para a realização profissional e aumento da renda.

Os aprendizados sobre levantamento de custos, formalização empresarial e, principalmente, precificação e educação financeira, foram fundamentais para a implementação e expansão dos negócios na avaliação dos ex-alunos do curso de empreendedorismo. A maioria deles apresentou uma **melhoria objetiva de sua condição socioeconômica a partir da aplicação destes aprendizados em suas próprias empresas**. Alguns ainda estão em fase de planejamento, pois possuem planos de negócios mais complexos, que demandam um maior capital de investimento. Há ainda os que desejam empreender como um complemento de renda, enquanto buscam um emprego formal no curto ou médio prazo. Comum a todas(os), ficou a certeza da **importância do planejamento estratégico e organização financeira para se tornar um(a) empreendedor(a) de sucesso**.

Mas, para além dos conhecimentos e das ferramentas adquiridas, ficou a **descoberta de uma identidade empreendedora**. Em muitos relatos aparece a transformação do pensamento sobre a própria empresa. O que antes consideravam uma forma imediata de sobrevivência, um bico ou um negócio de passagem até que aparecesse outra possibilidade se transformou no **empreendimento da vida, que dá o sustento, mas também o orgulho e o sentido do seu saber e fazer**. Essa identidade empreendedora não foi criada pelo curso, mas foi sendo desvelada no decorrer das aulas por elas (eles) mesmas(os). Para muitos alunos, era o primeiro contato com um ambiente profissional completamente acolhedor de suas orientações sexuais e identidades de gênero. E, nesse espaço, eles se fortaleceram ou se descobriram empreendedoras(es).

Apesar das diferenças de trajetória e inserção há muitos aspectos em comum nas falas dos participantes. Indubitavelmente, as **melhorias na renda** foram um dos resultados mais diretamente mensuráveis na vida das(os) entrevistadas(os). Acesso a lazer, programas culturais, viagens e sair do endividamento são alguns dos benefícios mencionados por elas(eles). Outra questão importante são as **estratégias de defesa contra a violência homo e transfóbica** forjadas a partir dessa ascensão econômica nos espaços públicos,

privados e na esfera doméstica/familiar. Exemplos disso são a autonomia financeira para sair da casa dos pais ou a possibilidade de escolher meios de transporte mais seguros em algumas situações. Mas nem tudo se reduz a ruptura ou defesa. O empoderamento econômico também **promoveu reencontros, pedidos de desculpas e a reconstrução de laços afetivos**, principalmente com familiares, que passaram a respeitar sua orientação sexual e identidade de gênero.

Para além dos benefícios profissionais e financeiros, o simples fato de se sentirem contemplados por um projeto de inclusão LGBT produziu **efeitos inestimáveis sobre a autoestima, orgulho e sentimento de pertencimento entre eles**. O convívio e empatia com os demais grupos e causas da comunidade LGBT é um ponto alto nos relatos, especialmente a **solidariedade às pessoas trans**. A formação espontânea de **redes de apoio mútuo** foi um desdobramento importante do projeto, criando círculos virtuosos de fomento a mercados LGBT e priorizando a contratação de serviços e funcionárias(os) LGBT na expansão de seus negócios.

Por fim, ficou evidente nas falas das(os) entrevistadas(os) o **reconhecimento unânime do pioneirismo do projeto Micro Rainbow Brasil** e a relevância da abordagem socioeconômica para a luta por melhoria nas condições de vida de pessoas LGBT. E a convicção de serem **agentes transformadores desse processo**, com a visibilidade e inspiração oriundas de seus próprios esforços e trabalhos, fora das tendências assistencialistas comumente identificadas no tratamento dispensado a grupos vulneráveis.

A exposição sensível dos resultados positivos do projeto em um curto intervalo de tempo atesta sobre a necessidade e pertinência desse tipo de iniciativa, que possui uma forte demanda excedente por continuidade e expansão das ações atuais. Seja em seus aspectos econômicos, seja pela forte dimensão simbólica do empoderamento, **pavimentamos junto à comunidade LGBT do Rio de Janeiro uma via eficaz de inclusão socioeconômica, acolhimento e reconhecimento de direitos. Inclusive o de sonhar.** ■

detsō

www.fb.me/detsoco

Esta publicação foi composta por *Detsō Consultoria Criativa*
com as tipografias Aleo e Aaux Pro e impresso
na WalPrint Gráfica e Editora, Rio de Janeiro, 2017.